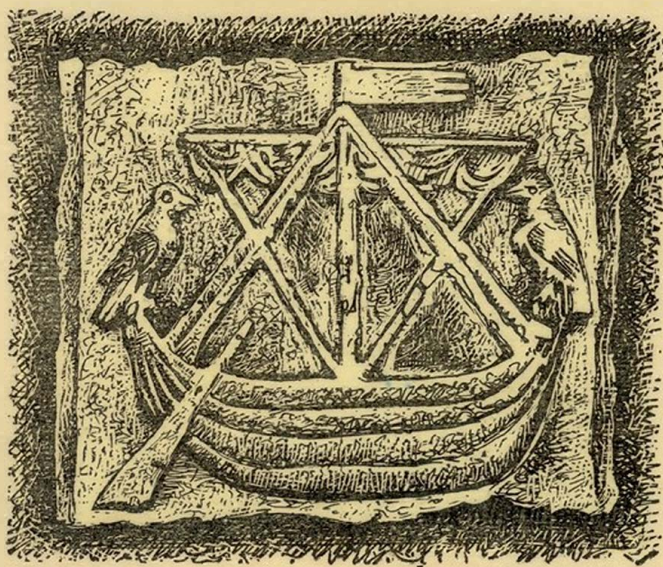
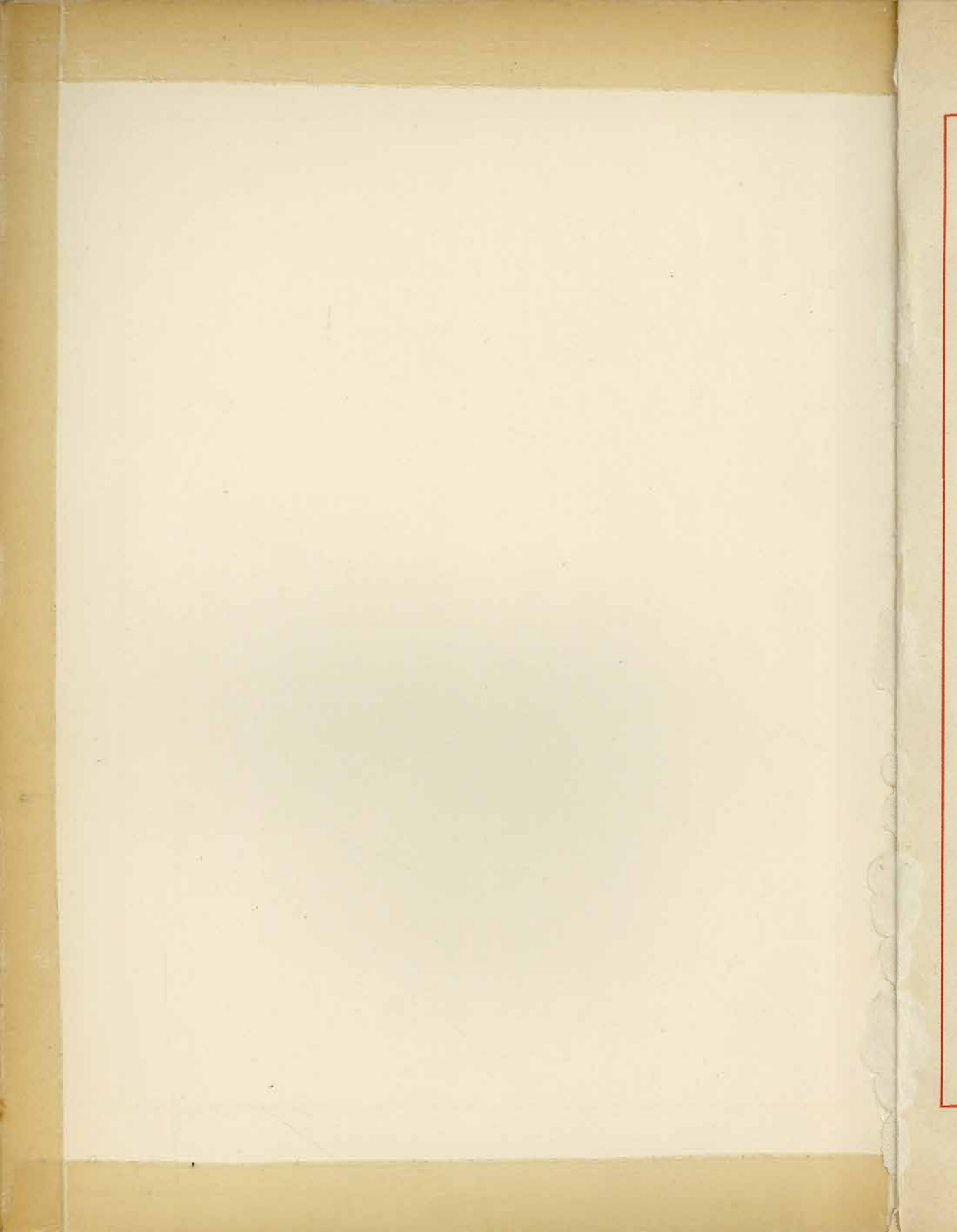


NORBERTO DE ARAÚJO
INVENTÁRIO
DE
LISBOA

Fascículo 2



Edição da
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



INVENTÁRIO
DE
LISBOA

Incorporaçao

NOV. 1962

300²

A.

O-1713

A.

(11)

INVENTÁRIO DE L I S B O A

por

NORBERTO DE ARAÚJO

Fasciculo II



Reg. Publ. n.º 326

R. P. n.º 1507

R. 16387

C. M. L.

1 9 4 5

3

Capa de MARTINS BARATA
Ilustrações de J. ESPINHO
Fotografias de A. SALGADO e VALVERDE

SUMÁRIO

Publicados :

FASCÍCULO I — **Monumentos nacionais** — Castelo, Sé, Jerónimos, Torre de Belém, S. Vicente, Basílica da Estrêla, Aqueduto das Águas Livres.

FASCÍCULO II — **Sistemas defensivos** — Cêrca Moura, século XII, Cêrca de D. Fernando, século XIV, Defesas marítima e terrestre, século XVII, Campo Entrincheirado, século XIX.

A seguir e sucessivamente :

FASCÍCULO III — **Paços e Palácios Nacionais** — **Palácios Municipais.**

Palácios e casas particulares.

Casas históricas — Casas pitorescas.

Igrejas paroquiais, não paroquiais e ermidas.

Edifícios conventuais — Edifícios públicos.

Chafarizes e bicas — Cruzeiros, padrões, pelourinhos e obeliscos.

Arcos e viadutos — Pórticos, janelas, túmulos e panteões.

Naus, brasões, inscrições.

Cerâmica de azulejos e registos.

Monumentos consagratórios.

Parques, jardins — Museus.

(A ordem porque são tratados os vários capítulos do «Inventário» nem sempre poderá ser a que foi exposta na fôlha-sumário do fascículo I).

SISTEMAS DEFENSIVOS

Século XII

1— CÊRCA MOURA

Século XIV

2— CÊRCA DE D. FERNANDO

Século XVII

3— DEFESAS MARÍTIMA E TERRESTRE

Século XIX

4— CAMPO ENTRINCHEIRADO

SISTEMAS DEFENSIVOS

1980

1980

1980

1980

CÊRCA MOURA OU «VELHA»



CÊRCA MOURA OU «VELHA»

Século XII

Fundação Goda ou Sarracena

[Freguesias de Santa Cruz do Castelo, de S. Tiago,
da Madalena, da Sé e S. João da Praça]

Breve notícia histórica

A Cêrca Moura correspondia, segundo se presume, em seus limites contornantes, à Lisboa sarracena que D. Afonso Henriques conquistou em 1147. Embora esta forte linha de muralhas satisfizesse «a tôdas as condições preconizadas pelos construtores e architectos militares visigodos» parece mais verosímil a hipótese de que foram os povos muçulmanos os seus construtores. Reconstruções ou reparos ordenados pelos reis da primeira dinastia são francamente de admitir.

A área da cidade, contida dentro da Cêrca que o primeiro Afonso conquistou, não tinha mais que 15,60 hectares, incluindo a Alcáçova ou Cidadela, e nela o reduto ou fortaleza, a que se dá o nome genérico de Castelo, sob o ponto de vista militar, ou de «Castelejo» (ver fascículo 1, em «Monumentos», primeiro capítulo «Castelo de S. Jorge»).

A Cêrca Moura — ou «Velha», por opposição à Cêrca de D. Fernando (século XIV), dita a «Nova» — era contornada, em forma irregular, por três lanços de muralhas, desenvolvidas em linha continua, desenhando assim, em planta, um grande saco a cair sobre o rio, suspenso das extremidades Sudoeste e Sueste dos muros da Alcáçova. A sua extensão nos três lanços era aproximadamente de 1.250 metros.

Lanço ocidental — 350 metros —, que partia do vértice Sudoeste da Alcáçova, e pelas «Porta de Alfaja» e «Porta de Ferro» descia até à linha de água da Ribeira, descrevendo então um ângulo recto que se situava sensivelmente, um pouco recuado, na esquina Nordeste das actuais ruas da Padaria e dos Bacalhoiros;

Lanço marginal ou sul — 460 metros —, que desde aquela esquina corria ao longo do rio (actuais Rua dos Bacalhoiros, Campo das Cebolas e Rua do Cais de Santarém) terminando na esquina desta última rua e do Largo do Terreiro do Trigo, no sitio a Nascente do Chafariz de El-Rei, e onde descrevia um ângulo recto para Norte;

Lanço oriental — 440 metros — que partindo do vértice daquele ângulo, e seguindo pela «Porta de Alfama» e «Porta do Sol», subia a inserir-se no vértice Sueste da Alcáçova, precisamente onde se situa hoje o Palácio Belmonte.

Do vértice do ângulo Sul-Poente, em prolongamento do lanço ocidental, nascia um pequeno lanço de quadrela que terminava numa torre adiantada, nos séculos XIII e XIV chamada da «Escreva-ninha», casa praticável, demolida pelos fins do século XVI. Também a cerca de vinte e dois metros do começo inferior do lanço oriental saía para Nascente um trço de muralha, que terminava numa torre adiantada, dita «de Alfama» ou de «S. Pedro», ainda existente no Largo de S. Rafael. Teriam estas duas tórres a função de vigia ou defesa avançada idêntica à da Torre de S. Lourenço, ainda existente na Costa do Castelo, a qual rematava, e remata, um lanço de quadrela saliente do reduto fortificado do Castelo, pelo lado Noroeste.

INVENTÁRIO

Síntese

Das linhas de muralhas e de tórres ou cubelos da Cerca Moura apenas uma reduzida parte, menos de um décimo da primitiva extensão, se conserva hoje, e mesmo assim nem tóda nítida, visível do exterior ou francamente descortinável. Para os efeitos sumários dêste «Inventário» há a considerar:

Os lanços ou elementos de muralha ou de tórres visíveis da via pública, mais ou menos nítidos ou completos;

Os mesmos elementos ocultos dentro de construções, mas identificáveis.

(Omitem-se os lanços que se sabe existirem ou que, com fundamento, se presume existirem, absorvidos no fundo ou na base de construções).

Pelo que no desenvolvimento merece referência pode resumir-se dêste modo a Síntese:

Tórres ou Cubelos — 13:

Nitidamente visíveis, completos ou não	9
Apenas descortináveis ou indicados	4

Lanços de muralha — 7:

Visíveis da via pública, no todo ou em parte	6
Descortinável	1

Portas ou Arcos — 3.

Desenvolvimento

Em rigor os documentos arqueológicos que se conservam da Cerca Moura pouco ou mal se descortinam da via pública, se exceptuarmos alguns elementos do lanço oriental. Por isso neste desenvolvimento se comporta também um intuito de divulgação. (Acompanhe-se a leitura do texto com a numeração circulada do Mapa I).

Lanço Ocidental

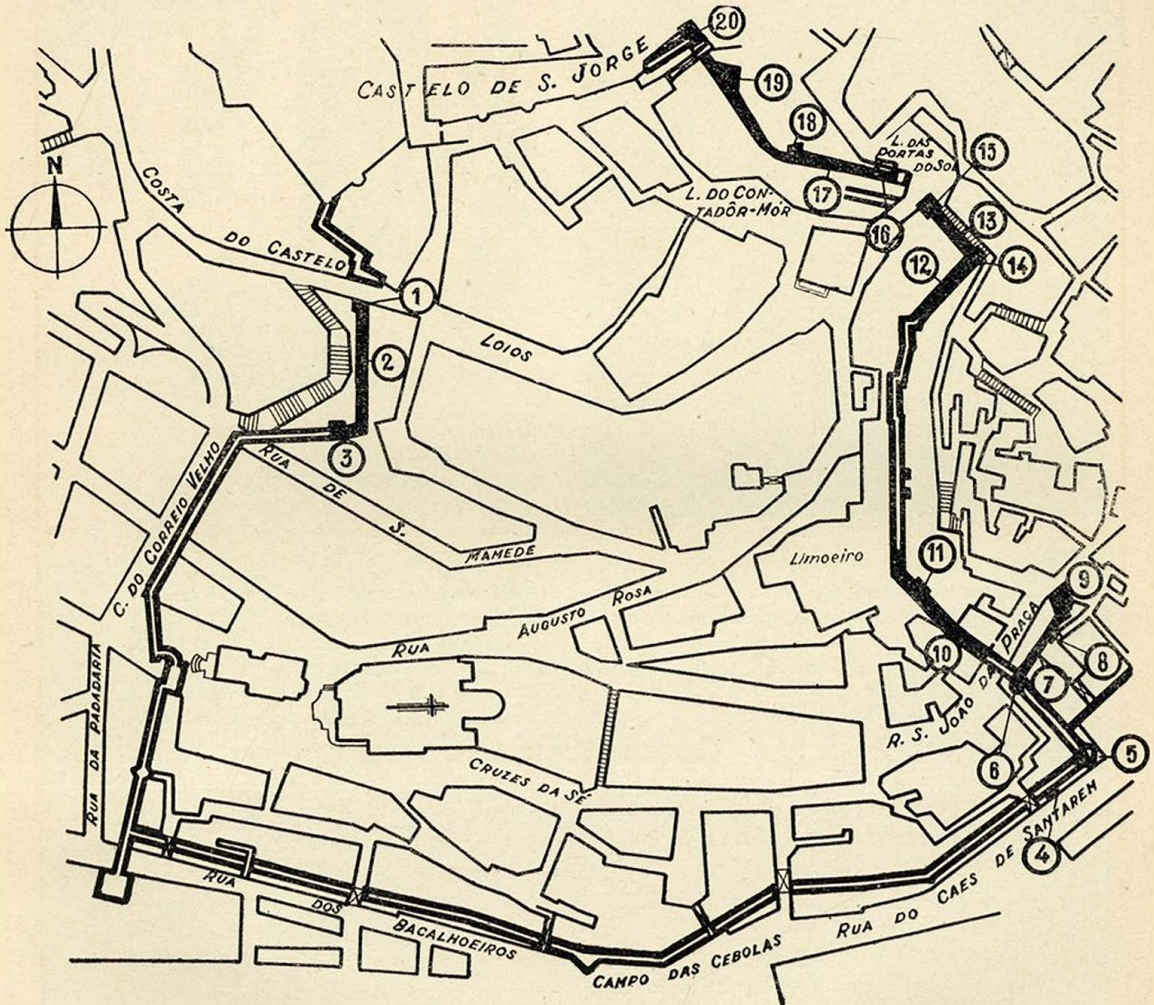
Existe apenas:

Envasamento de uma tórrre (1), que flanqueava pelo Sul a «Porta de Alfôfa». Situa-se do lado Sul da Rua do Milagre de

Santo António, junto do começo superior das Escadinhas de S. Crispim, tendo ao nível da rua um estabelecimento, porta n.º 2, e uma porta de escada, n.º 4;

CÊRCA MOURA

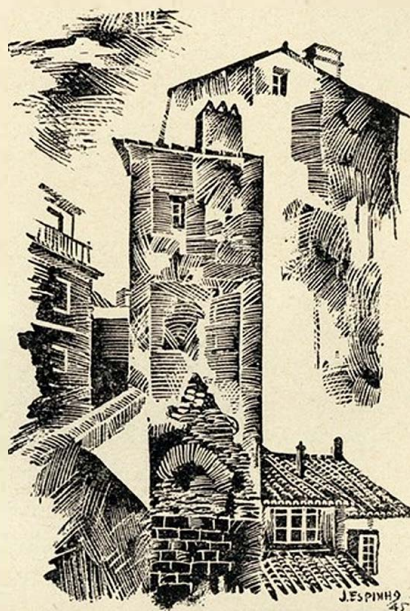
Elementos existentes em 1945



Nesta planta as muralhas da Cêrca estão representadas em traço paralelo na parte desaparecida, e a traço negro cerrado os elementos subsistentes. Os números circulados correspondem às citações do texto

Lanço de muralha (2), em linha recta, que nasce do envasamento da tórre referida, e quebra depois na orientação Sul-Poente, fazendo um pequeno ângulo. Situa-se a sua parte mais extensa sob um barracão de oficinas do lado oriental das Escadinhas de S. Crispim, e outra parte, aquela que abre do vértice do ângulo, no fundo Sul de um prédio da mesma rua, porta n.º 8. É este lanço de muralha em grande parte visível do lado oriental das Escadinhas, a um nível alto.

Uma tórre (3), quadrada, que remata à vista o lanço de muralha atrás referido. Situa-se nos terrenos contidos entre as Escadinhas de S. Crispim e a Rua de S. Mamede, precisamente por trás do citado prédio n.º 8 das Escadinhas, e a Nascente da actual Ermida de S. Crispim. Vê-se desde o lanço médio superior das Escadinhas, também a um nível superior ao das construções, dominando um pedaço de jardim.



Envasamento de uma tórre (1) que ladeava a Porta de Alfaja

Lanço Marginal

Este lanço marginal, ou Sul, da Cerca, na sua extensão muito regular, corria recuadamente à face actual dos prédios, em linha contínua, rasgada apenas por portas das quais são hoje representantes, transfigurados, o Arco Escuro, o Arco das Portas do Mar e o Arco de Jesus. A muralha conserva-se ainda em parte da sua extensão, oculta, ou assinalável no fundo de estabelecimentos, ou rasgada em arcos para prolongamento do fundo das lojas, ou ainda servindo de base a algumas fachadas recuadas de prédios. Aponta-se:

Fachada recuada, assente sôbre a muralha, do prédios n.ºs 2-4 a 18-20 da Rua dos Bacalhoeiros;

Fachada recuada, assente sôbre a muralha, contígua à anteriormente citada e no mesmo alinhamento, mas pertence ao prédio n.º 22, já do Campo das Cebolas;

Fundo de estabelecimento, ao nível térreo, aberto em cinco arcos, em duas filas, na

muralha, no citado prédio do Campo das Cebolas;

Fundo da loja do pequeno prédio n.º 2 da Rua do Cais de Santarém;

Corpo recuado, em painéis de cantaria, do Chafariz de El-Rei, o qual assenta sôbre a muralha.

Para efeitos do Inventário neste lanço, à vista ou descortinável do exterior, assinala-se apenas:

Restos de uma tórre (4), constituídos por um *þégão de cantaria*, que ladeia pelo lado poente, ao nível do prédio contíguo, o Chafariz de El-Rei;

Tórre (5), de secção quadrada, com a qual terminava o lanço marginal ou Sul da

CÊRCA MOURA (lanço ocidental)

(ao lado)

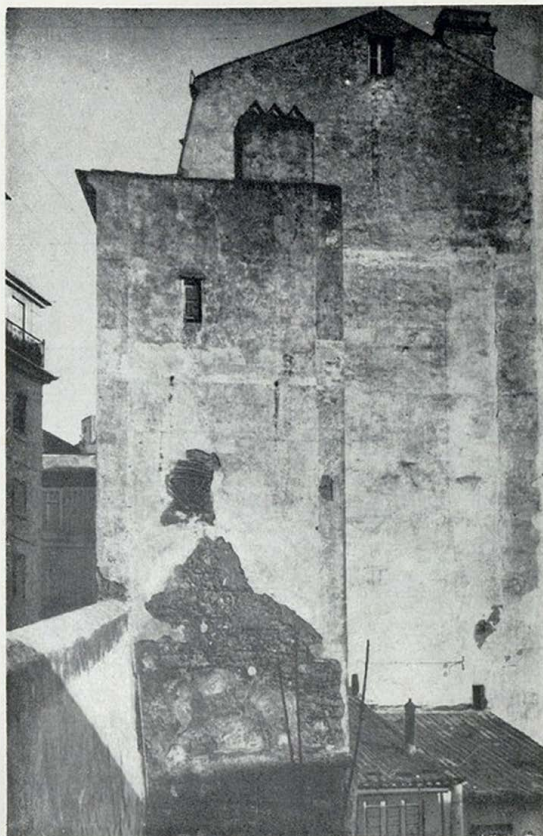
TÔRRE DA PORTA DE ALFOFA

Contígua, pelo Sul, à desaparecida e celebrada Porta de Alfofa, existia uma torre de defesa. Ela situava-se junto do começo superior das Escadinhas de S. Crispim, do lado esquerdo, correspondendo a um prédio, n.º 2, da Rua (actual) do Milagre de Santo António, que foi edificado sobre o envasamento (1) dessa torre, envasamento que a fotografia nitidamente representa.

(em baixo)

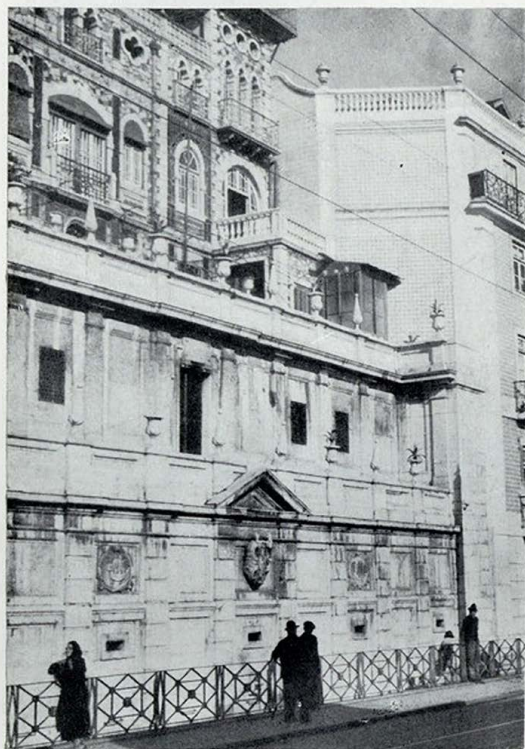
MURALHA E TÔRRE DE S. CRISPIM

Nesta fotografia vê-se, à esquerda, sobre o telhado negro, um lanço de muralha em extensão (2), e que segue até fazer um ângulo quasi recto, prolongando-se para a direita a terminar numa torre (3), que é a que, na estampa, se avista ao fundo das Escadinhas de S. Crispim, coroada por um caramanchão, sob o fumo de uma chaminé.



CÊRCA MOURA (lanço marginal e oriental)

TÔRRE DO CHAFARIZ DE EL-REI



QUADRELA DO PÁTIO MURÇA



Na estampa, acima do terraço e da platibanda do Chafariz de El-Rei, cujo segundo corpo, recuado e com janelas, assenta sôbre a muralha, vê-se à direita uma face oblíqua, revestida de azulejos vulgares, que corresponde à parte ocidental de uma tôrre (5), com a qual terminava neste sítio o lanço marginal (Sul) da Cêrca.

Pedaco da muralha (10) existente à esquerda do interior do Pátio da Senhora de Murça, situado na Rua de S. João da Praça. Esta muralha, que foi alteada, e se continua para Norte (não se vendo a continuação na fotografia) mostra junto ao coroamento uma série de abobadilhas decorativas, que não são primitivas.



Cêrca, e da qual se conserva a metade ocidental; mostra-se com uma face oblíqua, forrada de azulejos industriais modernos, acima do terraço e da platibanda do Chafariz de El-Rei, encostada ao prédio de

cinco andares que faz a esquina para o Largo do Terreiro do Trigo, o qual prédio absorveu a outra parte da torre. (A fachada superior recuada, do Chafariz, assenta sobre a muralha).

Laço Oriental

È do laço oriental da Cêrca Moura que se conservam, nítidos à vista ou meio ocultos, maior número de elementos. Começava esse laço na citada torre (5), no vértice do ângulo que se desenhava nas actuais Rua do Cais de Santa-rém e Largo do Terreiro do Trigo.

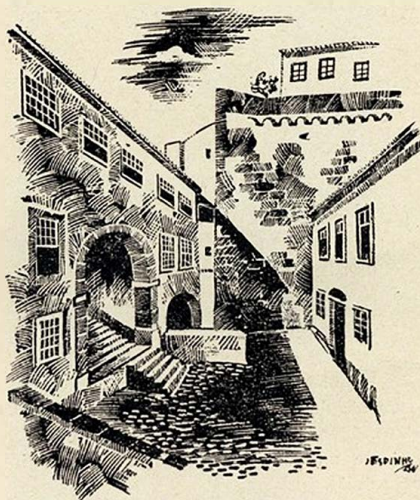
Assinala-se:

Tôrre (6), invisível da via pública, localizada no extremo ocidental interior do prédio n.º 1 a 17-A da Rua de S. João da Praça; é de secção rectangular com um ângulo truncado, chegando só à altura do segundo andar, onde tem casas assentes, e prolonga-se de um laço rectilíneo de muralha que nascia, a Sul, da citada torre (5);

Laço de muralha (7) de uma quadrela, com a extensão de 26 metros, que se destacava, para Nascente da linha natural dos muros da Cêrca, partindo da torre (6) e terminando na **Tôrre de Alfama (9)**; situa-se no lado Norte da Rua da Judiaria, rebocado, constituindo o fundo de apoio do prédio citado com frente para a Rua de S. João da Praça; sobre o adarve, desaparecido, foi construído o muro do segundo andar da propriedade;

Um **pequeno cubelo (8)**, saliente do referido trço de muralha (7), situado na Rua da Judiaria, dando a impressão de contraforte de apoio da muralha justificado pelo desnível do terreno; é coroado por um eirado prolongado por misulagem de cantaria, o qual constitue um terraço do aludido prédio;

Tôrre de Alfama (9), também chamada de **S. Pedro**, constituindo a extrema defensiva do citado laço de quadrela destacado (7); está situada em plena rua no Largo de S. Rafael, tendo à vista as duas largas faces do Nascente e Norte, estando



Aspecto interior do pátio do antigo Palácio de Senhora de Murça, vendo-se um pedaço de muralha (10)

a face Sul encoberta por uns pequenos prédios da Rua da Judiaria, e a face Poente encostada à referida propriedade da Rua de S. João da Praça. È esta torre — que foi muito mais alta, e ôca, talvez na parte que lhe falta — *um dos venerandos monumentos arqueológicos de Lisboa*, desfigurado pela cobertura rebocada, mas alindado pi-

torescamente pelo eirado ajardinado que corôa a torre, e do qual estão suspensos arbustos envolventes; há notícia de que esta torre no século xv (1485) serviu de prisão de conspiradores contra D. João II;

[Contigua, pelo Norte, à torre (6), situava-se a *Porta da Alfama* ou de *S. Pedro*, cujo sitio se pode localizar no eixo da Rua de S. João da Praça, um pouco para Poente da porta de acesso ao Pátio Murça].

Um lanço de muralha (10), de cerca de vinte metros de extensão, visível do exterior, que começa no lado ocidental do Pátio da Senhora de Murça (que abre de um portão na Rua de S. João da Praça), lanço que serve de suporte a jardins e a prédios, e que, próximo do coroamento, é rematado por uma série de abobadilhas decorativas;

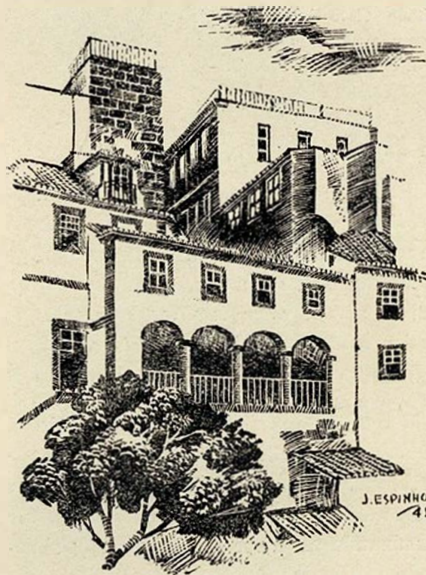
Um cubelo (11), cujo contôrno se conserva nítido, situado por trás do referido Pátio, a um nível superior, e sobre o qual se construiu uma casa de oficina.

[Segue-se, imediatamente, em ângulo obtuso muito aberto, oculto, um pequeno tramo de muralha, cujo adarve constituiu o caminho de ronda da Cadeia do Limoeiro. Desde o edifício da Cadeia até onde assenta o miradouro de Santa Luzia, a muralha deve existir oculta, ou irreconhecível].

Um lanço de muralha (12 e 13), em ângulo sensivelmente recto, sobre o qual assentam as faces Sul e Nascente do Miradouro de Santa Luzia; a face Sul (12) situa-se por trás dos prédios do lado Norte da Calçada de S. João da Praça, não se distinguindo facilmente; a face Nascente (13), muito nítida e de venerando aspecto, acompanha, do lado esquerdo ascendente, o lanço terminal, em escadinhas, da mesma Calçada;

Um pequeno cubelo (14), saliente, nítido, situado no vértice do citado ângulo do trço de muralha (12 e 13);

Torre (15), incompleta na altura, com eirado gradeado (Miradouro de Santa Luzia), situada no extremo superior do citado lanço de muralha, na esquina do Largo das Portas do Sol e da Calçada de S. João da



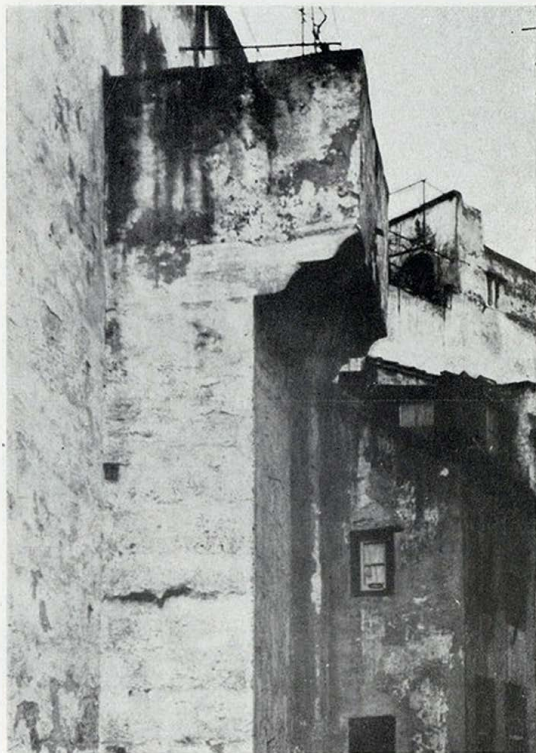
Torre das Portas do Sol (15), vista da «Casa dos Arcos», na Calç. de S. João da Praça

Praça (contíguo a esta torre ergue-se o campanário da antiga Ermida de S. Brás ou Santa Luzia).

[Contigua a esta torre, pelo lado Norte, situava-se a Porta — ou Portas — do Sol, depois Arco de Santa Luzia, desaparecido em 1755. Da esquina Norte dos Largos de Santa Luzia e das Portas do Sol até se inserir no vértice da Alcaçova (Castelo) a linha de muralha pode dizer-se que quasi inteiramente se conserva, em lanços nítidos e à vista, ou semi-oculta no interior ou fundo de construções ou em terrenos adjacentes].

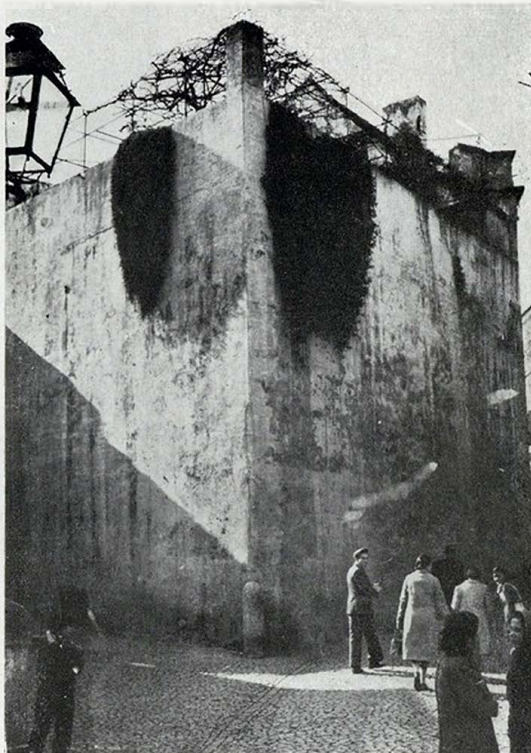
CÊRCA MOURA (lanço marginal e oriental)

MURALHA E CUBELO DA JUDIARIA

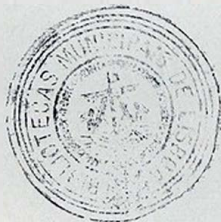


Cubelo (8), saliente da muralha que se vê ao princípio da Rua da Judiaria, num pitoresco conjunto. O eirado constitui um terraço, prolongado sobre misulagem. No muro do terraço distinguem-se duas janelas manuelinas que atestam a antiguidade do prédio no qual se rasgam. Ao fundo e ao alto descortina-se a passagem para a Torre de Alfama (6).

TÔRRE DE ALFAMA OU DE S. PEDRO



Aspecto que oferece, no Largo de S. Rafael, a veneranda Torre de Alfama (9), também chamada de S. Pedro, nas suas duas faces Poente e Norte (esta a que se vê completa). O eirado, decorativo, prolonga-se de um terraço desde o prédio, com entrada pelo n.º 15, da Rua de S. João da Praça. As outras duas faces da Torre ocultam-se em prédios.



CÊRCA MOURA (lanço oriental)

(ao lado)

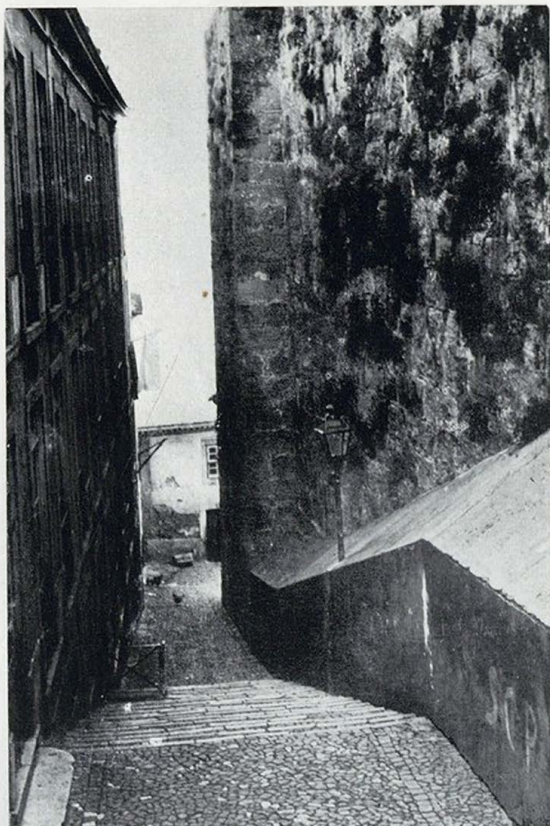
MURALHA PRIMITIVA NA ADIÇA

Parte da veneranda muralha (13) na antiga Adiça, actual Calçada de S. João da Praça, logo à saída das Portas do Sol. Sôbre ela assenta a face oriental do Miradouro de Santa Luzia. É acompanhada ao nível da calçada por um muro baixo de anteparo. Ao fundo eleva-se um cubelo (14) que faz o vértice do ângulo cuja face sul (12) na estampa se não vê.

(em baixo)

A CAMINHO DAS PORTAS DO SOL

Aspecto recente das traseiras do edifício do Limoeiro, no qual se nota uma construção torreada que teria feito parte da muralha neste trôço, a qual muralha se continuará oculta sob prédios, ou dando-lhe fundo, em terrenos ao longo ocidental da Calçada de S. João da Praça.

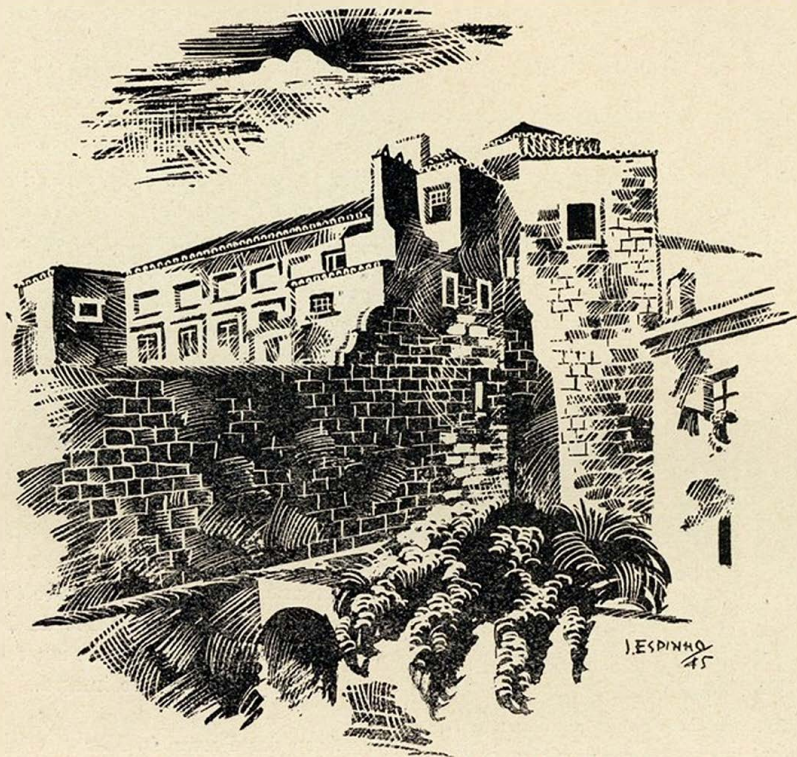


Pedaço de muralha (16) atravessando o átrio do Palácio Azurara, porta n.º 2 do Largo das Portas do Sol, e no qual se rasgou um arco;

Lanço de muralha (17), rectilíneo, a cerca de vinte e dois metros do Palácio Azurara, o qual, prolongando-se para Norte.

Torre (18), que sobressai no começo do referido lanço (17), assinalado por seteiras, e que pode ver-se do jardim referido; está integrada no prédio n.º 18 do Largo do Contador Mor;

Torre (19), na extremidade do mesmo referido lanço (17), de secção pentagonal, a



Torre Pentagonal (19), parte da muralha, e um pedaço do Palácio Belmonte, segundo a interpretação de J. Espinho

pode ver-se, confuso, mas em parte relativamente bem conservado, e com algumas seteiras, dos jardins das traseiras do prédio n.º 90 da Rua do Infante D. Henrique; em parte o adarve está adaptado a terraços, e noutra parte constitui o fundamento do muro da fachada Nascente do Palácio Belmonte;

última da Cerca antes de a muralha entroncar na Alcáçova (zona do Castelo); mostra um ângulo saliente para o exterior, tem duas largas faces à vista, com vértice orientado a Nascente, e interiormente é servida por escadas de caracol, nela existindo uma sala abobadada, octogonal, com janela. Esta torre, integrada no Palácio Belmonte, do

Pátio de D. Fradique, é a mais interessante de tôdas da Cêrca Moura, a despeito de não possuir o venerando aspecto da Tôrre de Alfama;

Tôrre (29), já citada sob o n.º 17 no capítulo «Monumentos — I Castelo de S. Jorge», e com a qual entroncava a Cêrca;

é macissa, se bem que atravessada a certa altura por uma galeria, e integra-se no Palácio Belmonte na ala contígua aos muros do Castelo, podendo ver-se a sua parte superior, de secção reduzida, desde o Pátio de D. Fradique, acima dos terrenos de horta no canto Sudoeste da antiga Alcáçova.

Antigas Portas (Arcos)

Das oito portas primitivas da Cêrca Moura, algumas das quais foram mais tarde chamadas Arcos pela configuração e ausência de portões, apenas existem hoje, em representação, as três do lanço marginal, desfiguradas. São os Arco Escuro e Arco das Portas do Mar, na Rua dos Bacalhoeiros, e Arco de Jesus, entre o Campo das Cebolas e a Rua do Cais de Santarém. (Das portas ou postigos abertos na muralha, séculos depois da conquista, apenas existe uma desfigurada representação: o começo da Travessa de S. João da Praça).



18

O Arco Escuro visto do lado interior, no bêco que liga à Rua das Canastras

Arco Escuro

Representa êste Arco a «Porta Ferrea» *contra mare*, que se abria mais recuadamente em relação à bôca do arco actual. Também foi chamada «Porta Velha do Mar». O Arco, de volta abatida, tem 2^m,50 de largura, e a muralha, rasgada em Porta, passava a cêrca de 7 metros da face do prédio onde o arco se vê. Situa-se êste Arco entre as portas n.ºs 138 e 140 da Rua dos Bacalhoeiros, tendo por cima um compartimento do prédio onde se integra.

Arco das Portas do Mar

Representa êste Arco uma *Porta Maris* (erradamente designada *ad S. Joanem*, na vista de J. Bráunio, do final do século XVI), também chamada «Porta Nova do Mar». A muralha ladeava esta Porta a todo o comprimento de 9 metros. O arco actual é de volta abatida, com 3^m,7 de largura. Situa-se êste Arco entre as portas n.ºs 78 e 80 da Rua dos Bacalhoeiros, integrado num prédio.



CÊRCA MOURA (lanço oriental)

(ao lado)

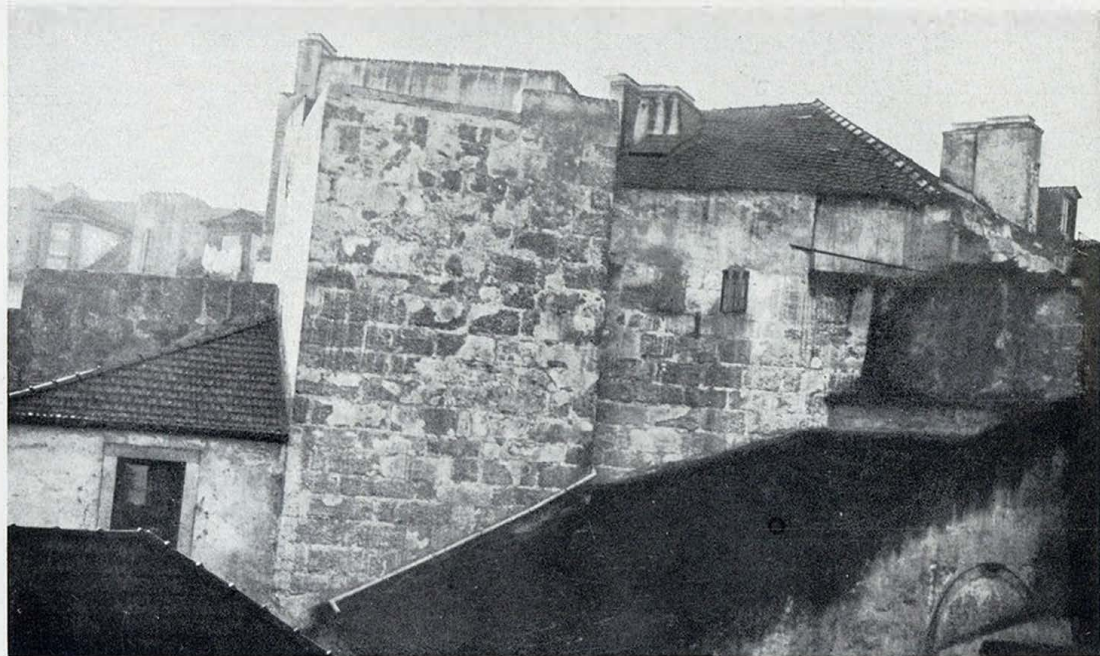
ÁTRIO DO PALÁCIO AZURARA

Fundo do átrio do Palácio Azurara (16) no Largo das Portas do Sol, n.º 2, cujo arco foi cavado na muralha, que tem 2 metros de espessura, e que segue, oculta, para Norte. (Esta fotografia corresponde ao átrio antes das actuais obras em curso — 1945)

(em baixo)

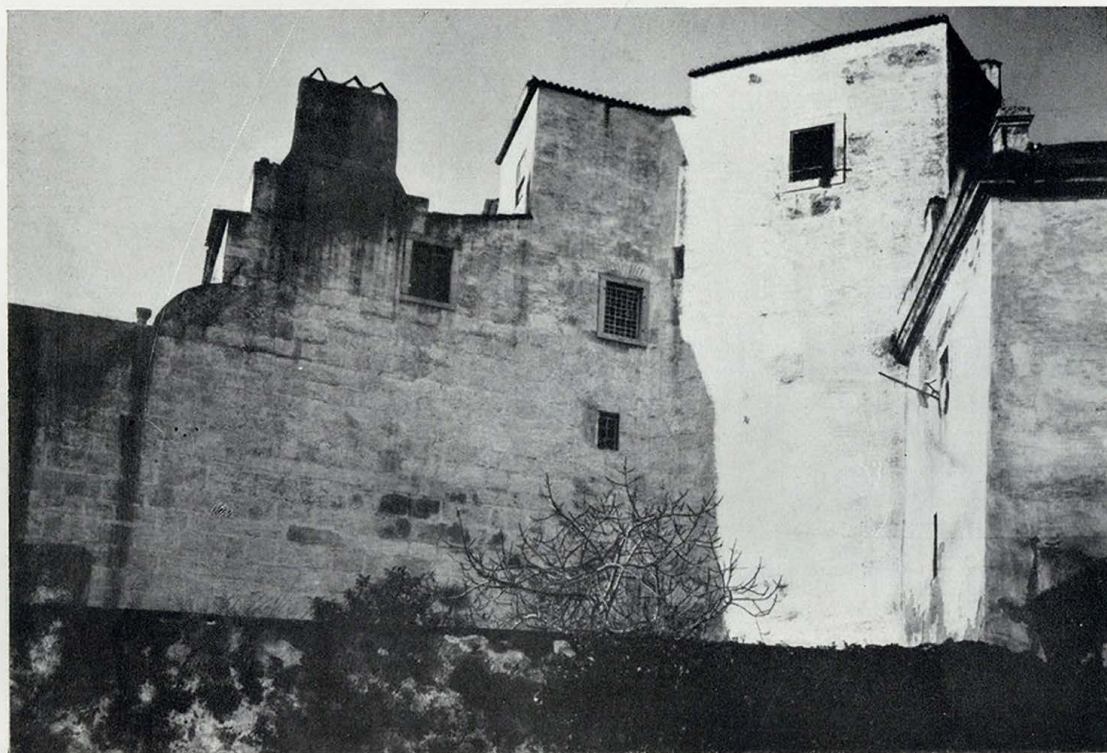
PENÚLTIMA TÔRRE DÊSTE LANÇO

A penúltima torre (18) da Cêrca antes de a muralha entroncar na Alcáçova. Faz parte de um prédio, n.º 18, do Largo do Contador Mor, e avista-se dos jardins do Palácio Castelo Novo, com entrada pela Rua do Infante D. Henrique, n.º 90. A esta torre, muito nitida, liga-se e segue a muralha, em parte com adarves adaptados a terraços.



CÊRCA MOURA (lanço oriental)

MURALHA E ÚLTIMA TÔRRE, PENTAGONAL



Dos jardins do antigo Palácio Castelo Novo, na Rua Infante D. Henrique, n.º 90, avista-se um pano de muralha (17) e uma face Noroeste, da Torre Pentagonal (19), última do lanço oriental da Cêrca, torre que se integra no Palácio Belmonte, do Pátio de D. Fradique. A janela quadrada que se vê na face mais clara ilumina um compartimento, octogonal no interior, e abobadado. O eirado da torre deu lugar a um telhado vulgar.

Arco de Jesus

Representa êste Arco uma Porta importante da Cêrca. Na grossura do arco da abóbada nota-se uma zona reintrante, que será o último vestígio da abertura pela qual se fazia subir e descer a «porta de correr». No século XVI já se lhe chamava «Arco de Jesus» ou do «Menino Jesus», porque na sua abóbada existiu uma imagem de Deus Menino. Aparece citado no meiado do século XVIII como «Porta do Mar a S. João». Mede 9 metros de comprimento por 3^m,30 de largura. No recanto que a abertura do arco forma com o prédio do lado direito vê-se o envasamento de guarita, que parece não ter relação alguma com a muralha ou defesa

antiga. Situa-se o Arco de Jesus entre o Campo das Cebolas e a Rua do Cais de Santarém, e conduz, parte em rampa e parte em escadas, à Rua de S. João da Praça.

Antigo «Postigo do Chafariz de El-Rei»

No comêço da Travessa de S. João da Praça, junto ao n.º 4 da Rua do Cais de Santarém, a embocadura que ali existe, espécie de corredor com 7 metros de comprimento e 2^m,5 de largura, corresponde a um «Postigo» que ali existiu chamado «do Chafariz de El-Rei», rasgado não se sabe quando na muralha primitiva, que em 1650 tinha portas e ferrolhos, e até cêrca de 1866 conservou forma arqueada. Conduz à Rua de S. João da Praça.

[As Escadinhas do Pátio do Marquês do Lavradio, que nascem do Campo das Cebolas, n.º 17, não têm representação alguma].

Ficam dêste modo sumariamente inventariados os elementos que se conservam da Cêrca Moura, à vista ou facilmente identificados.

[Estes elementos do «Inventário» foram estudados *in-loco*, sob a directriz das informações sistematizadas em «A Cêrca Moura de Lisboa», 2.^a edição, 1939, do engenheiro A. Vieira da Silva. Observa-se que, depois da publicação dessa 2.^a edição, sofreu transformação a fachada oriental (trazeiras) do edifício do Li-moeiro].

Arco de Jesus

Representa êste Arco uma Porta importante da Cêrca. Na grossura do arco da abóbada nota-se uma zona reintrante, que será o último vestígio da abertura pela qual se fazia subir e descer a «porta de correr». No século XVI já se lhe chamava «Arco de Jesus» ou do «Menino Jesus», porque na sua abóbada existiu uma imagem de Deus Menino. Aparece citado no meiado do século XVIII como «Porta do Mar a S. João». Mede 9 metros de comprimento por 3^m,30 de largura. No recanto que a abertura do arco forma com o prédio do lado direito vê-se o envasamento de guarita, que parece não ter relação alguma com a muralha ou defesa

antiga. Situa-se o Arco de Jesus entre o Campo das Cebolas e a Rua do Cais de Santarém, e conduz, parte em rampa e parte em escadas, à Rua de S. João da Praça.

Antigo «Postigo do Chafariz de El-Rei»

No começo da Travessa de S. João da Praça, junto ao n.º 4 da Rua do Cais de Santarém, a embocadura que ali existe, espécie de corredor com 7 metros de comprimento e 2^m,5 de largura, corresponde a um «Postigo» que ali existiu chamado «do Chafariz de El-Rei», rasgado não se sabe quando na muralha primitiva, que em 1650 tinha portas e ferrolhos, e até cêrca de 1866 conservou forma arqueada. Conduz à Rua de S. João da Praça.

[As Escadinhas do Pátio do Marquês do Lavradio, que nascem do Campo das Cebolas, n.º 17, não têm representação alguma].

Ficam dêste modo sumariamente inventariados os elementos que se conservam da Cêrca Moura, à vista ou facilmente identificados.

[Estes elementos do «Inventário» foram estudados *in-loco*, sob a directriz das informações sistematizadas em «A Cêrca Moura de Lisboa», 2.^a edição, 1939, do engenheiro A. Vieira da Silva. Observa-se que, depois da publicação dessa 2.^a edição, sofreu transformação a fachada oriental (trazeiras) do edifício do Li-moeiro].

CÊRCA DE D. FERNANDO OU «NOVA»

Século XIV

Fundação 1373-1375

[Freguesias, no trajecto geral, de S. Cristóvão, Socôrro, Pena, Restauradores, Sacramento, Encarnação, Mártires, S. Julião, Sé e S. João da Praça, S. Miguel, Santo Estêvão, S. Vicente e Graça]

Breve notícia histórica

Ainda na segunda metade do século XII, depois no decorrer do século XIII, durante o qual Lisboa foi tornada capital do Reino (1255-1256), e pelo século XIV adiante, a Cidade que Afonso Henriques conquistara dilatou-se naturalmente, sobretudo a Poente e a Norte. Os contornos da Cerca Moura já não podiam marcar os limites de uma Lisboa que crescia de povoados e se desentranhava em novas paróquias.

Em 1372 o Rei Henrique de Castela sitiou Lisboa. A cidade, que ultrapassara os limites fortificados primitivos, não teve defesa, e dessa circunstância «lhe veio muito dano». D. Fernando, ante a lição dura, contemplando (Maio de 1373) os estragos que a capital sofrera, e considerando, porventura, na obra de seu bisavô, D. Dinis — que fizera construir à margem da Ribeira um novo lanço de muro que obstasse às invasões da pirataria — «determinou em sua vontade de a cercar toda (a Cidade) de boa e defensável Cerca, de guisa que nenhum Rey lhe pudesse empecer, salvo com grande multidão de gente e artificios de guerra» (Fernão Lopes). Foi esta a Cerca Nova, assim denominada por oposição à Cerca Moura que desde então tomou o nome de «Velha».

Trabalharam (contribuíram) para a obra «por corpos e dinheiro» os moradores de Lisboa, e de vários concelhos próximos e afastados, até Sintra, Cascais, Tôrres, Mafra e Atouguia, chegando a Benavente.

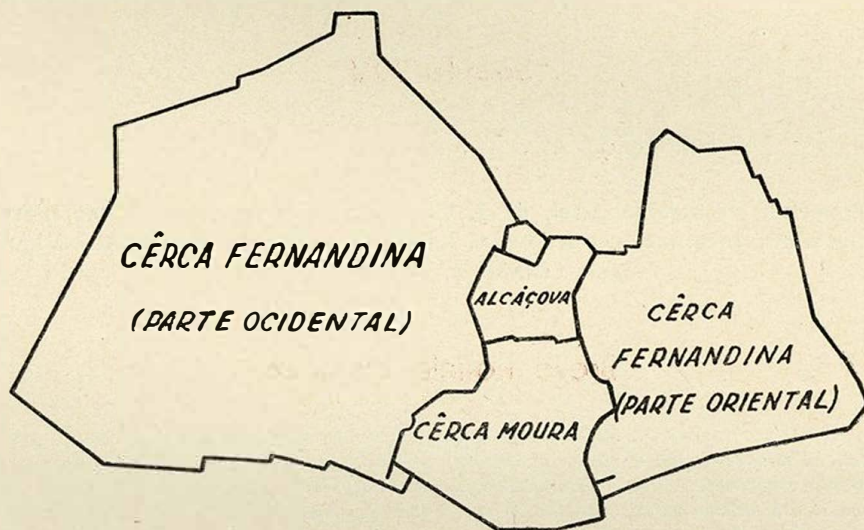
A empresa começou em 1 de Setembro de 1373 e estava concluída em fins de 1375. Foram mestres (arquitectos) João Fernandes e Vasco Brás, e regedor (administrador), em nome real, Gomes Martins, corregedor de Setúbal, passado a Lisboa.

A extensão superficial, contida pela linha das novas muralhas, flanqueada por 77 tôrres e rasgada por 38 portas e postigos, era de 103,66 hectares, num perímetro de 5.400 metros, sendo de 1.715 metros a extensão paralela ao Tejo, ou fôsse, aproximadamente, sete vezes a área da cidade contida nas muralhas que os sarracenos construíram ou reconstruíram. Esta Cerca de D. Fernando

encastrava quatro garras nos muros da fortificação e Cêrca Moura, e desenhava para Nascente e para Poente duas grandes bôlsas irregulares, como se estas fôsem as abas de um triplico fortificado, cuja tãvola central estivesse representada pela Cêrca Velha.

Aquelas garras assentavam, do lado ocidental, a Noroeste, na tôrre avançada de S. Lourenço (Costa do Castelo), e a Sudoeste no princípio ocidental do lanço marginal da Cêrca Moura (sensivelmente entre os actuais Arco Escuro e das Portas do Mar, na Rua dos Bacalhoeiros); e, do lado oriental, a Sueste, a meio do primeiro lanço de muralha da Cêrca Moura, logo a partir do vértice do Chafariz de El-Rei (Largo do Terreiro do Trigo de hoje), e a Nordeste num vértice da Alcáçova, sôbre a Porta de Santo André.

Quanto ao trajecto, e a-pesar-de a Cêrca de Fernando ser, pelo menos, dois séculos e meio mais nova do que a Cêrca Moura, êle não pode precisar-se em todos os lanços tão seguramente como é possível fazê-lo em relação à Cêrca que D. Afonso Henriques encontrou.



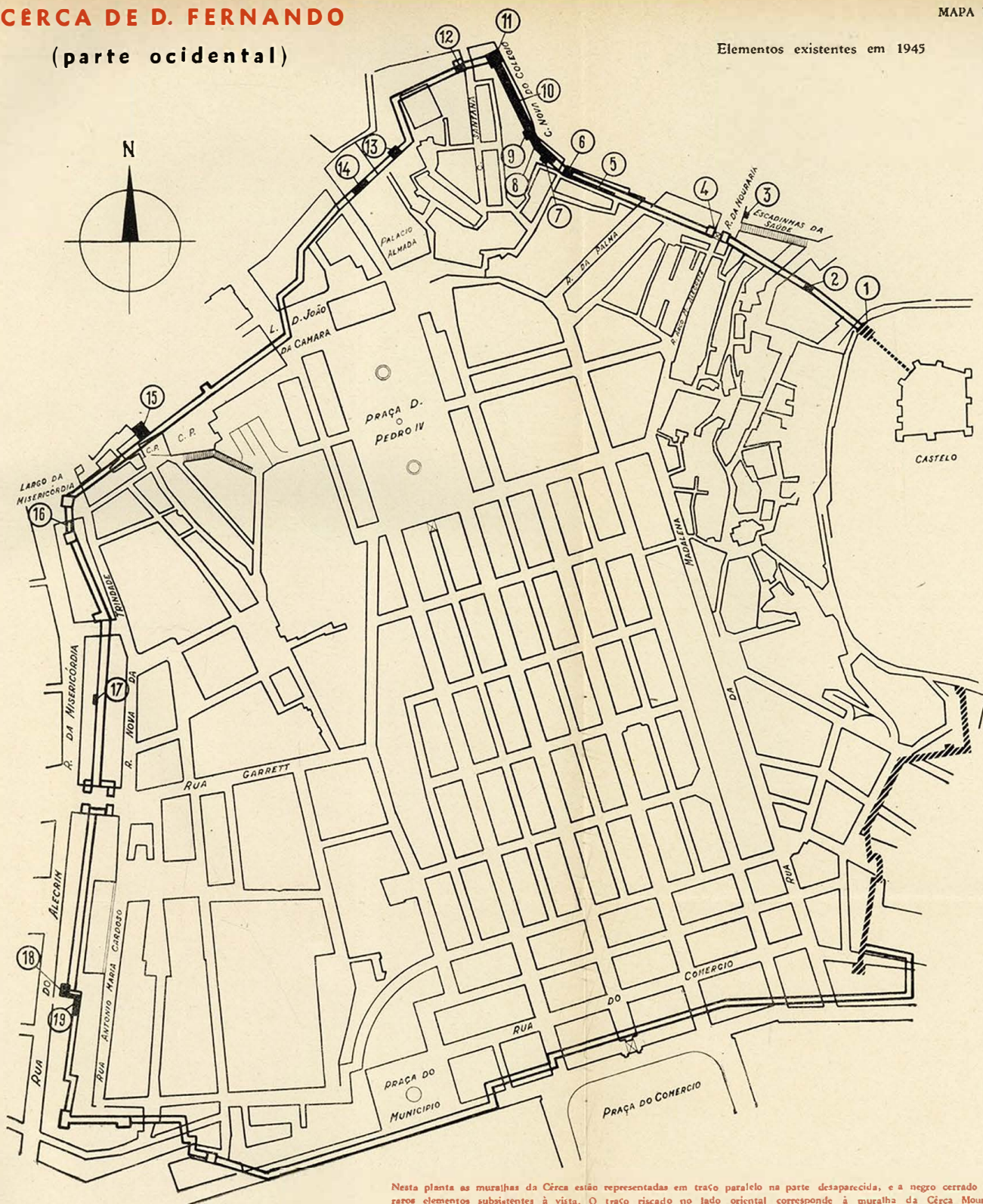
Esquema, em escala, das duas grandes bôlsas da Cêrca de D. Fernando, em relação à área da Cêrca Moura

A bôlsa ou parte ocidental, a maior, — imaginada mentalmente em planta, e muito irregular de contornos — tinha três lanços, que se convencionam aqui serem os de Norte, Poente e Sul. O do Norte, que desenhava um ângulo cujo vértice era a Porta e Tôrre de Sant'Ana, descia da Tôrre de S. Lourenço à Mouraria (Porta de S. Vicente, depois Arco do Marquês do Alegrete), subia à Calçada de Sant'Ana para, dêsse alto, descer pela Porta de Santo Antão ao Rossio de Valverde (Porta das Estrebarias de El-Rei) e subir ao cômodo que depois foi de S. Roque, onde obliquava. O lanço do Poente, em linha recta, descia até às Portas de Santa Catarina (Largo das Duas Igrejas ou Largo do Chiado), continuando a descer até, sensivelmente, o Ferragial e Corpo Santo de hoje, onde obliquava irregularmente para Nascente. O lanço marginal ou Sul, à margem da Ribeira, ia entrar, como ficou dito, quâsi no vértice sudoeste da muralha marginal da Cêrca Velha ou Moura.

A bôlsa, ou parte oriental, cuja área era de menos de metade da ocidental, menos irregular em seus contornos, tinha igualmente três lanços, que se convencionam serem os do Sul, Nascente e Norte. O do Sul continuava-se do muro da Cêrca Velha, no Terreiro do Trigo, quâsi à margem do rio, pela Porta do Chafariz de Dentro, até à Porta ou Postigo da Pólvora (sensivelmente comêço da actual Rua do Museu de Artilharia). O lanço Nascente subia pela Porta da Cruz (confluência das actuais

(parte ocidental)

Elementos existentes em 1945



Nesta planta as muralhas da Cerca estão representadas em traço paralelo na parte desaparecida, e a negro cerrado os raros elementos subsistentes à vista. O traço riscado no lado oriental corresponde à muralha da Cerca Moura. Os números circulados têm relação com as citações do texto

Ruas dos Remédios e do Paraíso), e pela Porta de S. Vicente (sensivelmente o actual Arco Grande de Cima) até à Graça, O lanço Norte contornava, na Graça, exteriormente, o Convento dos Agostinhos (Igreja da Graça), e descia em curto trajecto à Porta de Santo André, para, trepando um pouco, ir agarrar-se ao muro da Alcáçova.

Porque a muralha da Cêrca de D. Fernando não teve a solidez da muralha moura; porque, tornada mais tarde inútil, grande número de construções a absorveram, se é que a não desmoronaram; e ainda porque o Terremoto de 1755 arruinando lanços e portas, e desafiando uma nova urbanização, obrigou a demolir troços de quadrela, tórres e postigos — pouco existe hoje da famosa Cêrca Fernandina, e dêsse pouco quási nada à vista exterior.

Para o «Inventário», naturalmente escasso neste aspecto arqueológico, aproveitam-se neste trabalho alguns poucos estudos parciais, já feitos por quem de autoridade, e, quanto a vários lanços, esboçam-se investigações próprias, que devem ser completadas em obra para tal objectivada.

INVENTÁRIO

Síntese

Da linha de muralhas, e das tórres ou cubelos, e portas, da Muralha Fernandina, apenas uma parte mínima — como ficou dito —, em rigor quási nada, existe hoje, sobretudo se considerarmos a extensão periférica da Cêrca. Para os efeitos sumários dêste «Inventário» não pode deixar de se considerar, pelo que do Desenvolvimento se apura:

Tórres ou Cubelos — 11:

Nítidamente identificáveis.....	5
Apenas em parte identificáveis ou presumíveis	6

Lanços de muralha — 8:

Visíveis da via pública, em todo ou em parte.....	5
Descortináveis ou presumíveis..	3
Porta ou Arco.....	1

Desenvolvimento

É possível assinalar, designadamente, os seguintes elementos existentes, ocultos ou não, completos ou fragmentados, da muralha da Cêrca de D. Fernando:

Parte Ocidental

LANÇO NORTE:

Um pequeno Vestígio (1) à vista exterior, do começo da muralha da Cêrca pela Porta de S. Lourenço, representado por pedras encastradas na Tôrre de S. Lourenço, da Costa do Castelo;

Uma parte do lanço de muralha, que descia em linha recta da «Porta de S. Lourenço» até à Mouraria, com a base descortinável de um cubelo (2) uma e outra não visíveis do exterior, situadas ambas no extremo Nordeste dos jardins do Palácio Castelo Melhor, do Largo da Rosa.

Uma inscrição (3), existente no prédio n.º 8 da Rua da Mouraria, que esteve encastrada na muralha, relativa à construção da Cêrca. (Veja-se adiante).

Porta de S. Vicente, representada hoje pelo Arco do Marquês do Alegrete (4). (Veja-se adiante).

(O antigo palácio Alegrete, antes Vilar Maior, tem a sua face Poente, sôbre a Rua Silva e Albuquerque, constituída em parte por elementos da muralha, e no seu tópo Norte, descarnado há poucos anos pela demolição de um prédio, algumas das pedras que estão à vista no corte são evidentemente as da muralha).

Um **lanço de muralha** (5) visível do exterior, mas rebocado e inexpressivo, na Travessa da Palma, do lado direito ascendente, que faz o fundo de um prédio da Rua Martim Moniz (na reconstrução deste prédio para garagem, em 1938, foi escavada e escorada uma parte do muro, muito pouco sólido, e outra parte desapareceu);

Uma **Tôrre, da Pela** (6), nítida, situada no extremo superior do lanço referido anteriormente, e que faz parte do prédio n.º 30 da Rua do Arco da Graça, contido entre a Travessa da Palma e a Rua Martim Moniz; esta tôrre mostra ainda o eirado, ao qual se pode subir, através de uma habitação no último andar do referido prédio;

[O Postigo do Jôgo da Pela, depois de 1657 chamado Arco da Graça, demolido em 1835, era naturalmente flanqueado por duas tôrres, uma delas a atrás citada, que chamámos para identificação mais fácil, «da Pela», e outra, do lado oposto. Noroeste, que se situaria, talvez, onde se ergue o prédio n.º 39 a 43 da Rua do Arco da Graça (êste com faces para a Travessa de Gaspar Trigo e Calçada Nova do Colégio, n.º 1 a 11), se é que essa tôrre não é representada pelo simples cubelo que a seguir imediatamente se

cita, o que parece mais verosímil pelos elementos ainda hoje à vista. Do flanco Noroeste do Postigo ou Arco a muralha em lanço rectilíneo subia, obliquando levemente para Norte, até à tôrre que chamamos de Sant'Ana, em grande parte visível, como se diz a seguir].

Cubelo (7), ou pequena tôrre, de secção quadrada, situada no terreno contido entre a Travessa de Gaspar Trigo e a Calçada Nova do Colégio, contíguo pelo Noroeste ao prédio brazonado n.º 39 a 43 da Rua do Arco da Graça e n.º 1 a 11 da Calçada Nova do Colégio; é nitidamente visível de um quintal dêste prédio (propriedade de Francisco Alvarez), com entrada pela porta n.º 11 da Calçada, mas integra-se no fundo do prédio imediato, n.º 15 a 27 da mesma Calçada;

Lanço de quadrela (8) com **adarve**, que devia nascer do cubelo antes citado, e que se integra no prédio n.º 15 a 27 da Calçada Nova do Colégio (propriedade de D. Herminia Mota Cardoso), podendo a êle ascender-se pelo terceiro andar, servido pela porta n.º 21;

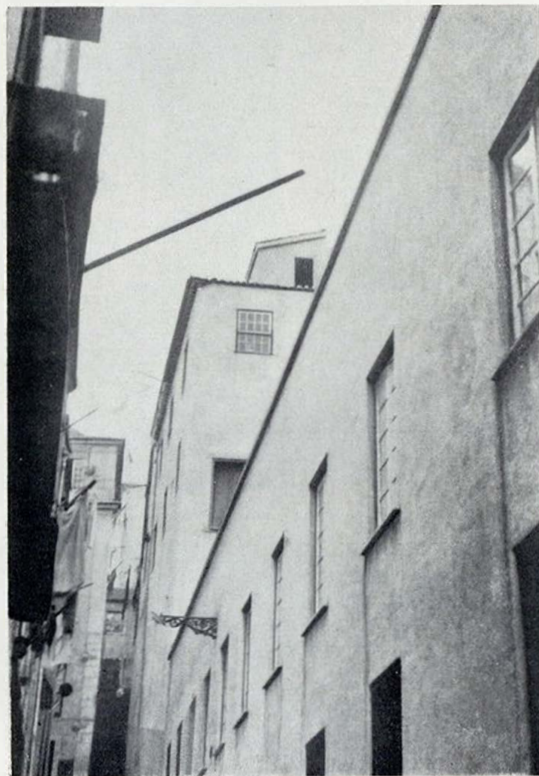
Cubelo (9), continuado, com uma ligeira interrupção, do lanço atrás citado, e visível do alto daquele lanço; situa-se num terreno do lado Poente da Calçada Nova do Colégio, podendo observar-se melhor utilizando a parte do quintal ou serventia de oficina, n.º 27 da mesma Calçada;

Lanço de quadrela (10), reparado várias vezes, que se prolonga, e se pode distinguir, desde o cubelo referido até à tôrre que se segue; situa-se no terreno por trás do prédio n.º 15 a 29 da Calçada;

Tôrre de Sant'Ana (11) — Distingue-se nitidamente no contôrno, avista-se de vários pontos altos do Castelo e da Rua do

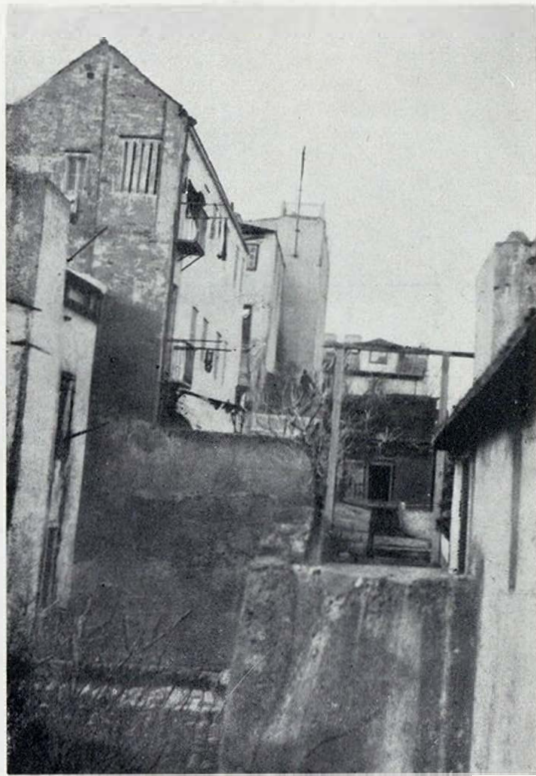
CÊRCA DE D. FERNANDO (parte ocidental)

ENFIAMENTO DA TRAV. DA PALMA
E PRÉDIO DA TÔRRE DA PELA



A direita e ao alto da Travessa da Palma situa-se um prédio, com entrada pela Rua do Arco da Graça, n.º 30, dentro do qual se integra uma das tôrres (6) que ladeavam o «Postigo do Jôgo da Pela». O prédio moderno, que se prolonga para baixo daquele que tem a tôrre, era atravessado pela muralha.

RESTOS DE ADARVES NA CALÇ. DO
COLÉGIO E TÔRRE DE SANT'ANA



Nesta fotografia distingue-se, na confusão do casario, uma seqüência de adarves de muralha (8 e 9), convertidos em terraços utilitários ou canteiros floridos, e que se situam, em traseiras de prédios, ao longo ponte da Calçada Nova do Colégio. Ao fundo alteia-se uma face da Tôrre de Sant'Ana (11).



CÊRCA DE D. FERNANDO (parte ocidental)

(ao lado)

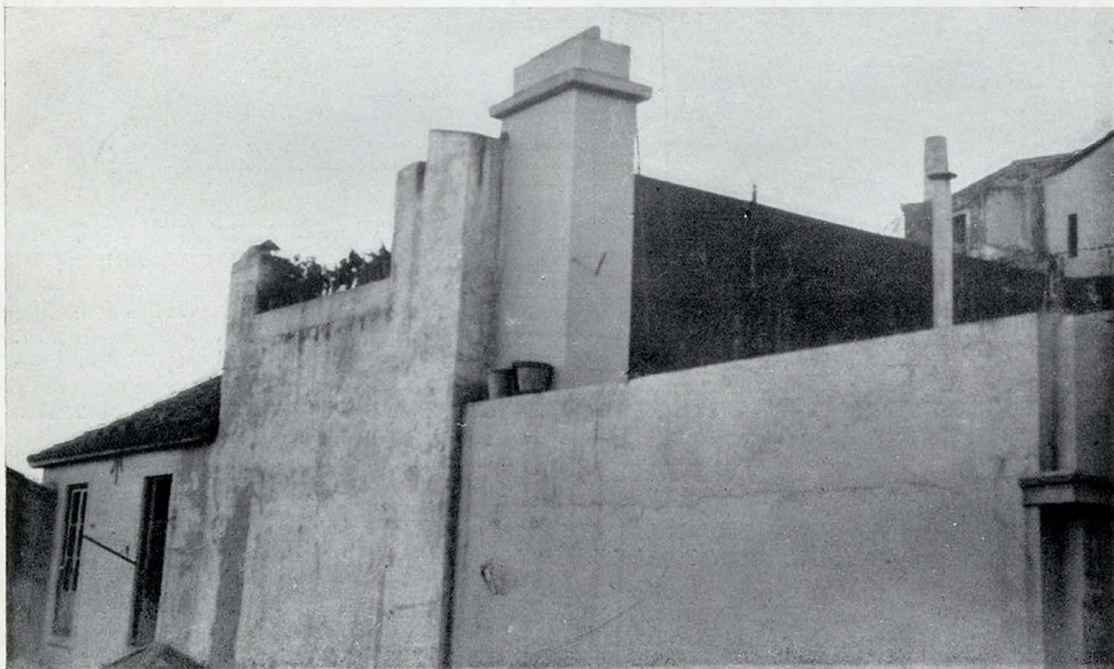
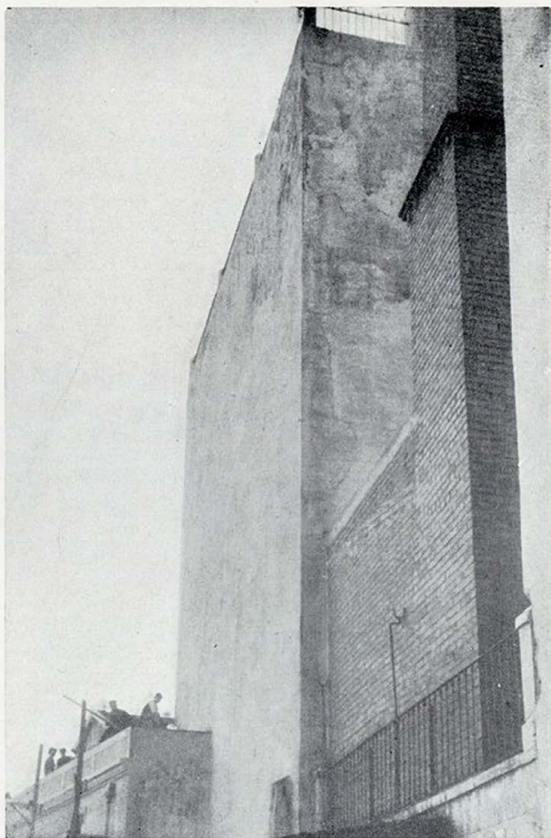
TÔRRE DE SANT'ANA

A imponente Torre de Sant'Ana (11), que ladeava pelo Nascente a Porta deste nome, na perspectiva que oferece desde o começo superior da Calçada Nova do Colégio, e tal como se avista de alguns altos da cidade. O muro de tejo que se lhe encosta é de construção recente. (Entra-se no eirado desta Torre pelo terceiro andar do prédio n.º 120, da Calçada de Sant'Ana).

(em baixo)

MEIO EIRADO DE OUTRA TÔRRE

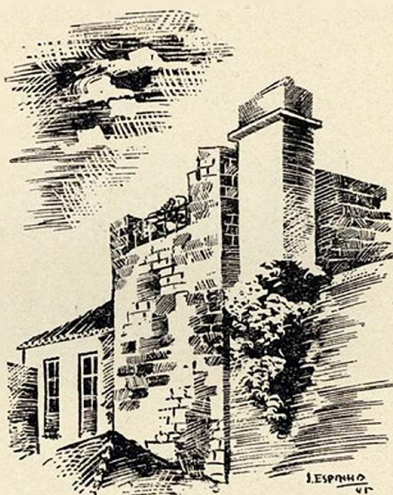
Nesta estampa vê-se, com eirado florido, cerca de metade de uma Torre (12) que ladeava pelo lado Poente a Porta de Sant'Ana. Avista-se das janelas do terceiro andar do prédio n.º 120 da Calçada de Sant'Ana, e entra-se no eirado desta torre pelo terceiro andar do prédio n.º 131 da mesma Calçada.



Marquês de Ponte de Lima, e situa-se, na extremidade da quadrela atrás referida, no interior do terreno, além de um muro, do lado esquerdo, ascendente, da Calçada Nova do Colégio, na altura da porta n.º 31 do muro de prolongamento do citado prédio de D. Hermínia Mota Cardoso, sendo também visível numa das faces, e à altura do eirado, desde o trôço superior da Travessa de Martim Vaz. Faz parte do prédio n.º 120 da Calçada de Sant'Ana, esquina da Travessa de Martim Vaz (propriedade de Germano Alves Dinis), sendo o eirado praticável desde o terceiro andar desse prédio, que à torre liga. É o mais curioso documento, de certo várias vezes reparado, dos restos da muralha da Cêrca de D. Fernando; mostra secção quadrada, mede 11^m x 10^m,8, na superfície plana total, tendo o eirado, que fica situado inferiormente aos adarves praticáveis, 7 metros por cada face. Faz-se o acesso por um terraço de ligação que se prolonga do fundo do referido prédio n.º 120 da Calçada de Sant'Ana, na altura do terceiro andar, terraço que, por um lanço curto de escada, conduz ao eirado no qual foi construído, ocupando o total da área, e desfigurando-o lamentavelmente, um barracão de oficina; desse eirado, no vértice Sudoeste, continua o lanço de escada que conduz ao adarve, guarnecido por cortina de ferro em quási tôda a extensão das quatro faces. No citado terraço de acesso cava-se uma galeria, com altura de 2 metros, que contorna interiormente o eirado nas faces Poente e Norte, findando naturalmente, ou por obstrução, no extremo da face Norte. (Esta galeria foi recentemente convertida em lavabos de operários, de uma oficina de joalheria que ocupa todo o andar do prédio). A torre mostra no ângulo Nordeste uma saliência, só na altura do eirado e adarve, que bem se nota de qualquer ponto da cidade de onde o monumento seja visto;

[A Porta, depois Arco de Sant'Ana, demolida em 1676, era flanqueada por aquela torre referida, e por outra, aquela a que imediatamente se faz referência].

Torre (12), em frente da de Sant'Ana no flanqueamento do Arco de Sant'Ana. Situa-se por trás do prédio, n.ºs 127 e 129 da Calçada de Sant'Ana, construído em 1935 no sítio onde até então existia a Ermida de Senhor Jesus da Salvação e Paz e, da Se-

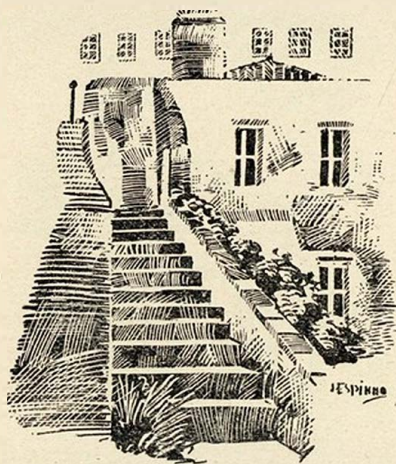


Torre (12) na Calçada de Sant'Ana, e o cujo meio eirado se pode subir pelo último andar do prédio n.º 131

nhora das Dôres; o prédio oculta a torre, à qual se encosta, e o meio-eirado é visível do alto dos prédios fronteiros e do ângulo da Travessa de Martim Vaz, mas é praticável desde o último andar do prédio n.º 131, contíguo àquele (propriedade de D. Luísa Vasques Filipe). O eirado existente é rectangular, no sentido Norte-Sul, e penetra-se nêle por alguns degraus que nascem do fundo alto deste citado prédio n.º 131.

[A partir desta torre a linha muralhada da Cêrca obliquava para descer, contornando as

actuais Escadinhas de S. Luís, à Porta, ou Portas, de Santo Antão (alargada em 1509, transformada em arco em 1727, demolida logo depois do Terremoto), que se situava no eixo da actual Rua Eugénio dos Santos, no trço entre o Palácio Alverca de hoje e o quarteirão compreendido entre a Travessa do Forno e a Rua do Jardim do Regedor. A construção, 1617-1630, do Convento da Encarnação, que se encostou pela banda de dentro da Cerca à muralha, em grande parte sobrepondo-a, absorveu quadrelas e alguns cubelos, hoje quasi impossíveis de determinar. Anotamos a seguir os raros elementos que subsistiram].



Escadaria do «Mirante», no jardim antigo do Palácio Almada, em S. Domingos, hoje Palácio da Independência

Uma *tôrre* ou cubelo (13), situada no interior do antigo Convento, actual Recolhimento da Encarnação, e cujo eirado se pode presumir, pela situação e elementos, ser representada por um terraço, com panorama sôbre o Poente;

Um *pedaço de quadrela* (14), em muro, que se presume ter feito parte da linha da Cerca, em declive, e que se situa nos terrenos anexos pelo Norte ao jardim do Palácio dos Condes de Almada, no sítio cha-

mado «do Mirante»; continuar-se-ia da *tôrre* ou cubelo atrás referida;

[Servindo de ligação do ante-côro para a capela-mor da Igreja do Convento da Encarnação, paralela à nave, do lado Norte, existe uma *galeria* com altura superior à de um homem, cavada no que se pode supor uma *quadrela* da muralha, à qual, neste sítio, se encostou a Igreja].

Vestígio de um cubelo, que se pode descortinar apenas numa parte de sua face, revestida de azulejos brancos modernos, no recanto do fundo da gare da Estação do Rossio, no lado esquerdo, cubelo que se situava nos terrenos do Palácio do Duque de Cadaval. (Este cubelo está assinalado no Mapa II, sem número, abaixo da *Tôrre* (15).

Vestígio de cubelo pequeno, com presumível trço de muro, situado em terreno, em parte ajardinado, da C. P., sobranceiro à Estação do Rossio, com entrada pelo pátio da Calçada do Duque, cubelo esse intermediário entre o antes citado (na Estação do Rossio) e a *Tôrre* (15).

Tôrre, ou cubelo grande (15) que defendia o «Postigo do Condestabre» (mais tarde chamado de S. Roque), único elemento completo existente na muralha que subia do «Postigo das Estrebarias de El-Rei» até a uma *tôrre*, que foi chamada «de Álvaro Pais», isto é: de além do Rossio, lado Norte, de hoje, até o Largo de S. Roque, actual de Trindade Coelho. Situa-se a *tôrre* num pátio interior dos terrenos do lado Norte da Calçada do Duque, que têm acesso pelo portão defronte da Rua da Condessa, terrenos pertencentes à C. P., adquiridos por esta Companhia em 1927 à Escola Académica, cujo fundador os comprara em 1863 a F. José Caldas Aulete, o qual os tomara à Marquesa de Nisa em 1837. A *tôrre* tem um *grande compartimento* interior abobadado (recentemente reparado e servindo de sala de arquivo), e penetra-se nêle por um lanço de escadaria cavado na própria *tôrre*, realizando um arco em galeria de profundidade. Sobe-se ao eirado rectangular

(12^m,85 x 9^m,50) desta torre, que constitui um admirável miradouro, por uma escada de madeira que nasce no último pavimento dos escritórios da C. P. É este um bem curioso elemento subsistente da Cerca de D. Fernando.

[Na parede de fundo do eirado da torre, e sobranceira a ela, parede que pertence ao edifício da Misericórdia, foi colocada em 1840 uma lápida cuja inscrição diz o seguinte:

ESTE LANÇO DO MURO, QUE
EL-REI D. FERNANDO ACABOU
EM 1413 FOI CONSER-
VADO E REPARADO POR
FRANCISCO JOSÉ CALDAS AULETE
EM 1840

[A era de 1413, a que alude a inscrição, corresponde ao ano de 1375].

LANÇO OCIDENTAL:

[A muralha fazia em S. Roque, actual Largo Trindade Coelho, onde existiu a Torre de Alvaro Pais, um ângulo recto, e encaminhava-se para Sul. Dêste lanço até à Porta ou Portas de Santa Catarina (Largo do Chiado) pode apenas citar-se:]

Panos de muro (16), ocultos ou fazendo fundo no interior baixo do prédio de esquina da Rua Nova da Trindade (oficina de impressão) e Largo Trindade Coelho.

Torre ou cubelo (17) presumível, representada no seu trço mais alto por um terço, quadrado, que se integra no prédio da Companhia dos Telefones, praticável, e que se divisa do exterior, nomeadamente desde o enfiamento da Travessa da Espera, sobre o lado Nascente da Rua da Misericórdia. Corresponderá, talvez, à torre que medeava, na muralha, entre o Postigo (1571) da Trindade e as Portas de Santa Catarina.

[Do trço da muralha que descia das Portas de Santa Catarina até ao Ferragial. «Postigo do Duque», onde obliquava para Nascente, para depois acompanhar a linha marginal, existem ele-

mentos ocultos ou fazendo fundo de prédios, nuns sítios por presunção lógica e noutros por indicações seguras. Citam-se por estudo do engenheiro A. Vieira da Silva]:

Torre (18), em vestígios ao alto, representada pelo mirante do prédio n.º 32 a 42 da Rua do Alecrim, com janelas para a rampa da antiga Fábrica da Cerveja, portão n.º 30 da mesma rua;

Lanço curto de muro (18) à face com a torre citada, fechando um sãguão do prédio citado n.º 32 a 42;

Trço de muro (19) partindo do anteriormente citado lanço, fazendo o fundo oriental de um armazém no começo da aludida rampa, e *adarve* superior, este visível na guarda do jardim do prédio n.º 23 a 29 da Rua António Maria Cardoso.

[A muralha seguia depois em linha sensivelmente recta, havendo constituído os alicerces, se não o próprio muro, da fachada ocidental do desaparecido palácio do Marquês de Valença, em cujo lugar se elevou (1855) o edifício da Fábrica da Cerveja Jansen. Na esquina Sul-Poente deste edifício a muralha fazia um pequeno ângulo recto e seguia pelo sítio onde está a Esplanada Bragança, terminando numa torre, situada ainda no local da mesma Esplanada, quasi sobre o seu actual muro de fundo. Acabava aqui o lanço ocidental da Cerca].

LANÇO MARGINAL:

Do *Lanço Marginal*, no trço que nascia da citada torre (aquela que existiu no sítio onde está a Esplanada Bragança) e ia, primeiro em recta e depois em linha irregular e descendente, até à Porta de Cataquefarás (eixo da actual Travessa do Cotovelo), nada existe à vista. Mas a muralha constituirá:

O muro de fundação e da fachada Sul do antigo Hotel Bragança, actual edifício das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade;

O muro de suporte do fundo, Sul, do pátio quadrado na Rua Vitor Cordon, que fica no enfiamento da Rua da Luta, muro que faz o fundo

Norte de um terraço do prédio n.ºs 30 e 32 da Rua do Ferregial de Baixo;

O muro divisório dos prédios n.ºs 19 a 55 da Rua Vitor Cordon e n.ºs 12 a 20 da Rua do Ferregial de Baixo.

Do Lanço Marginal, desde a cistada Porta de Cataquefarás, e ao longo das muralhas da Ribeira, até entroncar na Cêrca Moura — nada existe.

Parte Oriental

LANÇO ORIENTAL:

Tôrre (20) presumível pela orientação e indicação de plantas antigas, e que ladearia pelo Norte a «Porta» ou «Postigo de S. Vicente», o qual assentava onde foi construído em 1807 o Arco Grande de Cima, a ligar o Mosteiro de S. Vicente à cêrca dos cônegos regrantes de Santo Agostinho, depois de 1834 integrada no Paço Patriarcal, e desde 1911 cêrca do Liceu de Gil Vicente; esta tôrre, bem desenhada na sua alta estrutura de duas faces visíveis da rua tem o seu eirado representado por um terraço, de 12 x 13, contíguo à entrada do primeiro passadiço do Arco, e revestido de azulejos policromos do século XVIII (a cortina de grades

da frente foi colocada já depois de êste recinto ser integrado no Liceu);

Tôrre pequena, ou **cubelo** (22), que se prolonga de um nítido e curto lanço de muralha (21) a cem metros da tôrre grande antes referida (20) e que a esta se ligava por um trôço de quadrela ainda existente no final do século passado, então já em ruínas; esta tôrre ou cubelo situa-se a Nordeste da cêrca actual do Liceu, e está nítida nos seus contornos.

Do Lanço Norte não existe elemento algum, demolido que foi em 1913 o Arco de Santo André, representante da antiga «Porta de Santo André», da Cêrca de D. Fernando, assim como nada existe do Lanço Marginal.

Antigas Portas (Arcos)

Das muitas «Portas» e «Postigos», quasi todos convertidos em Arcos no decorrer dos tempos, que se abriam nos muros da Cêrca, o único representante sobrevivente é o

Arco do Marquês do Alegrete

[Este Arco, muito baírrista, corresponde à primitiva «Porta de S. Vicente», da Cêrca de D. Fernando, denominação esta a que se faz referência em documento do ano de 1404 e que aparece ainda no «Sumário» de Cristóvão de Oliveira, de 1554, passando, com o decorrer das idades, a chamar-se «Porta» ou «Portas da Mouraria», nome que subsistia na altura do Terramoto. Só no começo do século XIX (1804) começou a ser designado por «Arco do Marquês do Alegrete», pois fôra a Porta, com efeito, alargada em Arco, rompendo uma tôrre que junto dela existia, do lado Nascente, medida de trânsito estabelecida em fins de 1674, mas só posta em prática em 1684, e «do Alegrete» pela circunstância de em

1694 haver o 2.º Conde de Vilar Maior, e já 1.º Marquês do Alegrete, feito construir, aproveitando a muralha do lado Sul, como apoio, o seu palácio — cujos restos subsistem — e que continuou na posse dos titulares que de 1687 em diante preferiram o título de Alegrete ao de Vilar Maior. Com a Casa Alegrete se ligaram posteriormente as de Penalva e Tarouca. O prédio, a que na actualidade pertence o Arco, situa-se na Rua do Arco Marquês do Alegrete, do lado Nascente, e que ao Arco se encosta, é ainda propriedade de descendentes dos Condes de Tarouca].

O Arco do Marquês do Alegrete, em volta redonda, com 5 metros de largura e altura sensivelmente igual, tem dois anda-

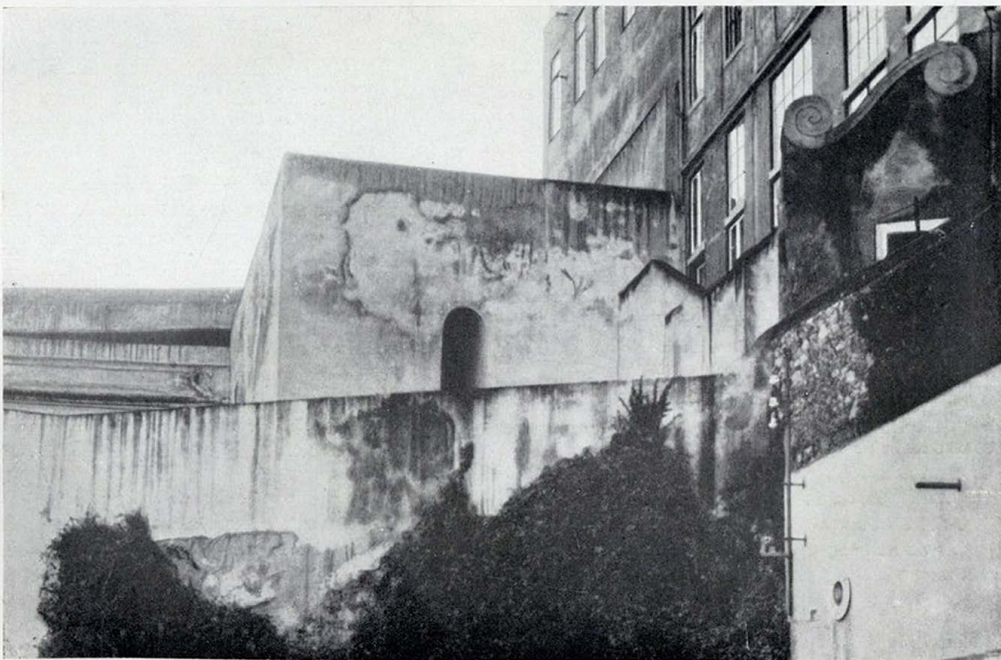
CÊRCA DE D. FERNANDO (parte e lanço ocidental)

ESTADO ACTUAL DO EIRADO DA TÔRRE DE SANT'ANA



Parte do eirado, ainda nítido nos contornos, a-pesar-de pejado de construções officinais, da Tôrre de Sant'Ana (11), que domina a Cidade por todos os quadrantes. Demolidas que fôsem estas construções, o eirado constituiria um dos mais belos miradouros privados de Lisboa.

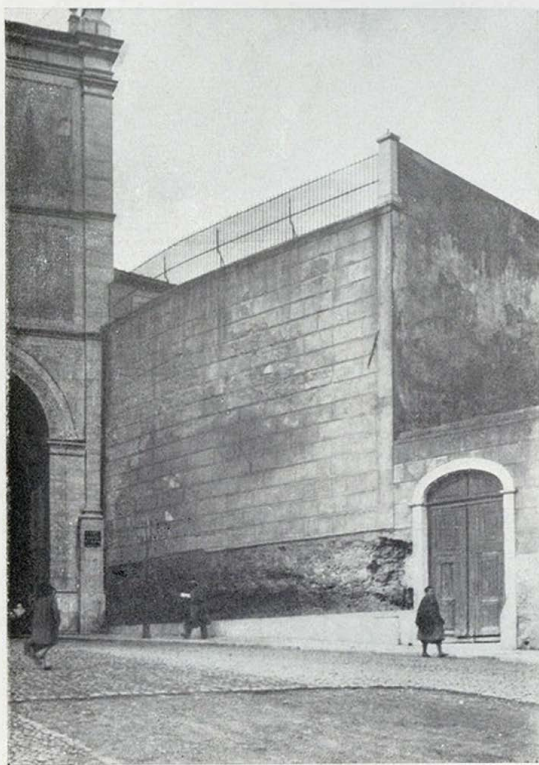
TÔRRE «DO CONDESTABRE»



Aspecto que oferece, presentemente, vista desde um terreno pertencente à C. P., situado além de um pátio, na Calçada do Duque, a Tôrre (15) que foi chamada «do Condestabre», e que se situava na muralha que subia da «Porta das Estrebarias de El-Rei». Vê-se na estampa apenas a parte superior. A Tôrre, com largo eirado rectangular, tem um compartimento abobadado, no qual se entra por um arco, que precede um túnel de escadaria.

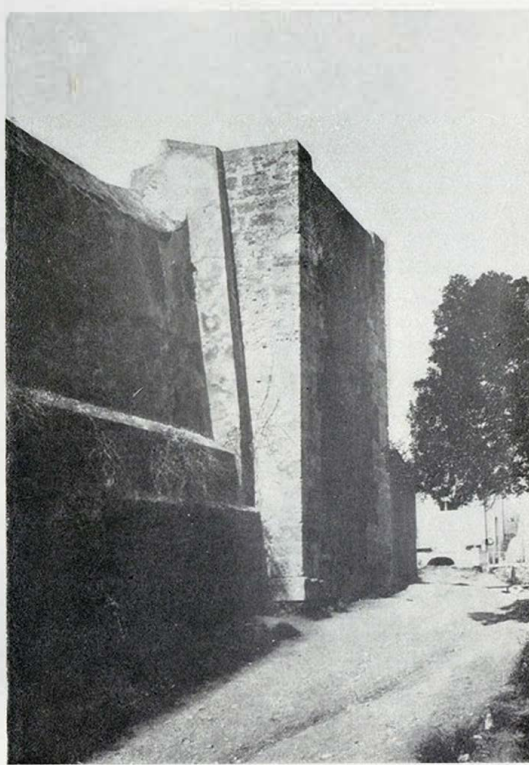
CÊRCA DE D. FERNANDO (parte oriental)

TÔRRE (presumível) DE S. VICENTE



Junto ao Arco de S. Vicente (1807), que se situa sensivelmente onde existiu a «Porta» ou «Postigo de S. Vicente», eleva-se um macisso, com duas faces à vista, que corresponderá a uma tôrre (19) da Cêrca, e da qual a muralha se continuava a ligar com o cubelo (20) representado no Mapa III. O eirado integra-se desde 1911 na cêrca do Liceu de Gil Vicente.

CUBELO DA CÊRCA DE S. VICENTE



Cubelo bem caracterizado com seu lanço de muralha (20), êste em vestígios, que se situa na cêrca do actual Liceu de Gil Vicente, antiga cêrca do Paço Patriarcal e, antes de 1834, cêrca dos cônegos regantes de Santo Agostinho, Senhores do Mosteiro de S. Vicente. Conserva esta tôrre a sua altura e contôrno com bastante nitidez, constituindo, quâsi desconhecida, um elemento valioso da Cêrca

res superiores, cada com sua janela. Sobre o seu fecho, do lado oposto ao da Rua da Mouraria, existe uma lápida de pedra, com moldura na própria pedra, onde se lê em três linhas, em caracteres capitais romanos:

A VIRGEM . MARIA . NOSSA SN
ORA . FOI CONCEBIDA . SEM
PECADO . ORIGINAL .

(Veja-se, na devida altura do Inventário, o capítulo «Arcos»).

Inscrição da Porta da Cruz

[A Porta — ou Portas — da Cruz, do lanço oriental da Cerca, situa-se na confluência das ruas dos Remédios e do Paraíso, e foi demolida em 1775 para abertura da calçada que é hoje Rua do Museu de Artilharia. À esquerda da Porta, do lado exterior, estava embebida na alvenaria uma lápida, com inscrição latina (composta pelo doutor António de Sousa de Macedo) em consagração da Imaculada Conceição.]

O MUJ NOBRE E MUJ ALTO REJ DON FERNANDO DE PUR
TUGAL E FILHO DO MUI NOBRE REJ DON PEDRO E NETO D
O MUJ NOBRE REJ DON AFONSO OOLHANDO COMO O MUI
NOBRE SUA CJDADA DE LIXBOA SEJA HUA DAS MAIS
NOBRES CJDADAS QUE HA ENTODALAS PARTES DO MUNDO
E COMO ESA CJDADA A MAIS NOBRE FOSE FORA DA CERCA U
ELHA QUE SEUS BJS AUOOS GUANHAROM AOS MOROS POREM
MANDO FAZER ESTA CERCA NOUA E FOI COMENCADA ERA DE
MIL E CCC ONZE ANOS SE ACABOU EM QUATRO CCC TREZE A
NOS PER SEU MANDADO FOI DELA REGEDOR GOMEZ MÃTIZ D
E SETUBAL Q FOI SE CAPITAN EN SEUS REINOS E SEU UAS
ALO E OUUIDOR NA SUA CORTE E COREGEDOR POR EL NA
DITA CIDADE E LOURENCO DURAEZ ESCRIVAN DO CON
CELHO E IHAN FERNANDIZ E VASCO BRAS MEESTRE
S DO DITO MURO

Em 1907 começaram a ser demolidos, para rectificação da Rua da Mouraria e abertura da nova serventia Escadinhas da Saúde, os prédios que faziam recanto, os restos da muralha e um «Passo» da Procissão dos Passos da Graça (reconstruído depois de 1780 das ruínas de um primitivo (1698-1702) ali existente, e que o Terremoto destruiu). No prédio alto, n.ºs 8 a 16

*Esta lápida existe ainda, na parede do Palácio dos Teles de Melo, junto ao cunhal da esquina da Rua dos Remédios, do lado da Calçada do Cascão; a inscrição consta de onze linhas, que atestam que D. João IV, de acôrdo com as Côntes Gerais, públicamente devotou a sua pessoa e os seus Reinos à Imaculatíssima Conceição de Maria, no ano de 1646, sexto do seu reinado. Esta inscrição, no latim original, está reproduzida, além de noutras publicações, in *A Ribeira de Lisboa*, livro II, capítulo I.*

Inscrição da construção da Cerca

Até 1901, num pedaço de muralha então existente, encostada ao Passo da Mouraria, à altura de 5 metros estava uma lápida, talvez coeva da construção da cerca, rectangular, de mármore, enquadra no caixilho da própria lápida, com 1^m,10 x 0^m,80, e em cuja inscrição de caracteres góticos se lia (separadas as palavras por três pontinhos em vertical):

que ali se ergueu, à esquina da Rua da Mouraria e das Escadinhas, foi embebida na parede, a 5 metros de altura, a lápida com inscrição transcrita. [Esta lápida foi limpa em Outubro de 1852. A leitura que neste Inventário dela se dá é de José Valentim de Freitas, mas existe outra de Vilhena Barbosa, no *Arquivo Pitoresco*, volume v].

DEFESAS MARÍTIMA E TERRESTRE



DEFESAS MARÍTIMA E TERRESTRE

Século XVII

[Lisboa e concelhos limítrofes]

Breve notícia histórica

Durante o século XVII a defesa marítima e terrestre de Lisboa foi objecto de estudos e de atenções, adoptando-se alguns planos e aprovando-se vários sistemas, os quais, em regra, não passaram da fase inicial, já porque d'elles se desistia, já porque os projectos fôsse abandonados sem por outros serem substituídos. Um inventário que se pretenda fazer, retrospectivo, da defensão da capital do reino naquele século, poucos vestígios materiais encontraria hoje para assinalar limites e linhas, até designações, designadamente dentro da actual área administrativa de Lisboa.

Neste trabalho cabe um resumido, e certamente imperfeito, sumário do que se tentou realizar, ou se chegou a realizar, no campo da defesa de Lisboa e do seu pórtio, e, por consequência, abrangendo áreas que não pertencem ao concelho de Lisboa, mas que estão na sua zona de influência militar. Anotamos:

Resolução da Câmara no sentido de valorizar, por limpezas, restauros e desafogos, os muros da Cerca de D. Fernando, caídos já no domínio e usufruto particular ou remetidos a abandono (1 de Março de 1625); este plano não prosseguiu;

Construção de trincheiras e palissadas na margem do rio, do actual Corpo Santo a Santa Apolónia, por conta da Câmara, e em obediência a instruções de Filipe II (Julho de 1625); não se concluiu;

Nova diligência para se limparem e desafogarem os muros da Cerca Fernandina (Junho de 1636); não teve prosseguimento;

Construção de trincheiras e de estacadas nas praias de Lisboa, instalando-se nelas artilharia retirada dos navios (superintendência do Marquês de Montalvão, nomeado por D. João IV, ante a necessidade de «fortificar a capital» (1645 e 1650); não se concluiu;

Plano de Charles Legarte, francês, Jean Gilot, holandês, e Jean Cosmander, belga, ordenado pelo Marquês de Marialva, para construção de uma cintura fortificada, contendo trinta e dois baluartes, que envolvesse Lisboa desde Alcântara, por Prazeres, Arco do Carvalhão, Campolide, campos do Norte e Nordeste até ao sitio da Cruz da Pedra, antes de Xabregas (D. João IV, 1650); con-

cluíram-se apenas (começados em 1652) os baluartes do Sacramento e Livramento, ambos em Alcântara, ligados entre si por cortina de paraapeito, e os entrincheiramentos e paraapeitos até ao Arco do Carvalho; este plano foi reduzido de trinta e dois para dezasseis baluartes, por sugestão do marechal Schomberg (D. Afonso VI, 1656), mas não se chegou a concluir, embora as obras, sempre precárias, se prolongassem pelo terceiro quartel do século, levantando-se apenas pouco antes de 1668 o baluarte ou forte da Cruz da Pedra, junto ao Tejo, destinado a defender um ataque pelo rio (desapareceu cerca de 1860, absorvido pela construção da linha do caminho de ferro), e o de Santa Apolónia, cem metros a Norte daquele, e que, não teve execução completa.

Quanto a reconstrução de fortalezas, anotamos a começar no final do século XVI:

Forte de S. Lourenço do Bugio, começado a levantar em 1578, continuando as obras depois de 1580, e reconstruído fundamentalmente já no século XVII (D. João IV), pelo arquitecto frei João Turriano;

Fortaleza de S. Julião da Barra, começada a construir no tempo de D. João III, continuando as obras durante a regência do Cardeal D. Henrique e prosseguindo ainda no reinado de Filipe I, reedificado (1664-1650) por ordem de D. João IV, quando da reconstrução do Forte do Bugio, para, com fogo cruzado deste, «comandar a artilharia» na barra;

Plano de defesa marítima de Lisboa, estudado no reinado de D. João IV, sistematizado e realçado por sugestão do marechal Conde de Schomberg, já no reinado de D. Afonso VI:

Na margem Norte: primeira linha — oito fortins ou baluartes desde Cascais à Fortaleza de S. Julião; segunda linha — doze fortins ou baluartes, desde S. Julião à Torre de Belém (esta do século XVI); terceira linha — onze fortins ou baluartes, alguns dos quais eram os da defesa terrestre, a saber: de S. Pedro ou da Estrela, no sítio do Altinho da Junqueira, de S. João, na Junqueira; do Sacramento, em Alcântara; de S. João de Deus, sob o Palácio dos Condes de Obidos e Convento de S. João de Deus (actual quartel da G. N. R.); de S. Paulo, demolido para construção da Praça de D. Luís; dos Remolares, que assentava em local, contíguo pelo Poente, à actual Praça Duque da Terceira; de S. João, no Terreiro do Paço, sobre núcleo existente do anterior forte da «Vedoria», da Ribeira (Velha; de Santa Apolónia, da Cruz da

Pedra e de S. Francisco, em Xabregas, sobre o rio.

Na margem Sul, também no sistema da defesa marítima, anotam-se as seguintes obras, incluídas no plano de D. João IV, começadas no reinado de D. Afonso VI e concluídas na regência de D. Pedro II.

Construção do Forte da Trafaria, com o reduto de Alpena e do primeiro Forte da Raposeira; reconstrução da Torre Velha, que remontava a D. João II, então «Castelo de Pôrto Brandão», reedificado por D. Sebastião, e chamado, por isso, «Torre de S. Sebastião da Caparica», em cuja área da freguesia se situava; reedificação (1660) do Forte de Almada, no antiqüíssimo Castelo desta vila; construção dos fortins da Fonte da Pipa, da Arealva, de Cacilhas, e de outros pequenos redutos sobre os cômodos da margem Sul, ou disfarçados em ravinas.

INVENTÁRIO

De tôdas as fortificações seiscentistas, inventariadas retrospectivamente em simples sumário (esbôço para um trabalho de especialização a que alguém se queira um dia entregar), e à parte ruínas inexpressivas, ou fortins mantidos mas desmantelados, e que foram elementos fortificados das primeira e segunda linha do plano-sugestão Schomberg, atrás citado, existem hoje apenas na área fronteiriça, de influência militar de Lisboa, tomada por

DEFESAS DO SÉCULO XVII

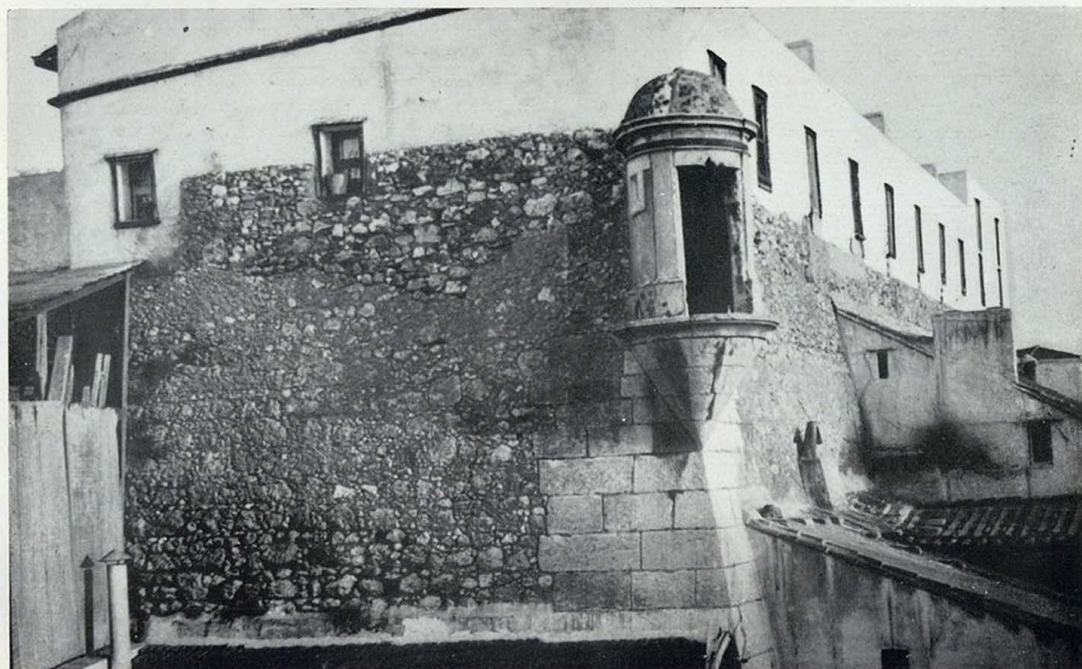
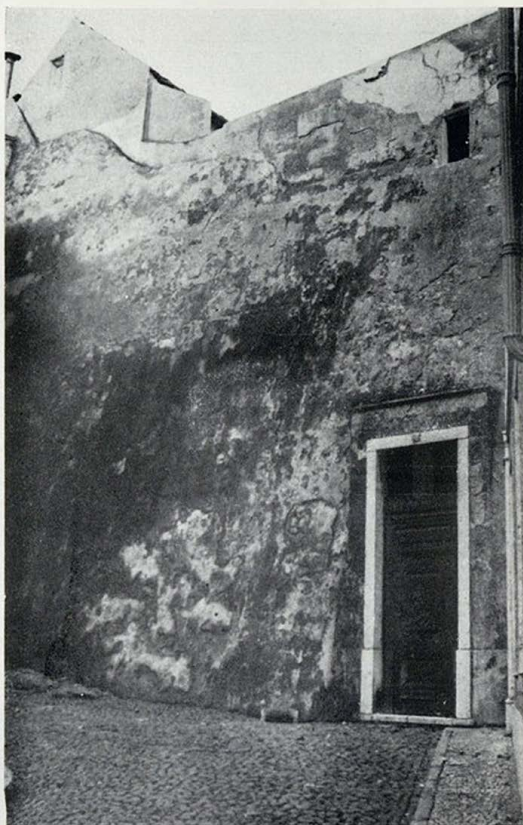
BALUARTE DO LIVRAMENTO

(ao lado)

Pano de muralha do Baluarte do Livramento, em Alcântara, que ainda se pode ver na Travessa do Livramento, com uma antiga porta do Convento que no final do século XVII ocupou o lugar do baluarte.

(em baixo)

Ângulo dos muros da frente (Sul-Poente) do Baluarte, com restos do pano de muralha e guarita de cunhal, tal qual hoje se podem ainda ver.



DEFESAS DO SÉCULO XVII

BALUARTE DE SANTA APOLÓNIA



Caminho sôbre duas faces da muralha do Baluarte de Santa Apolónia, com guardas exteriores ornadas de alegretes (*em cima*). — Muralha da face Norte com a característica guarita no ângulo (*em baixo*).

extensão, e dentro da área administrativa regular da cidade, ainda íntegros, ou deformados, ou já sem carácter militar, ou em simples vestígios, os seguintes documentos:

Fortaleza ou Tôrre de S. Julião da Barra (concelho de Oeiras), monumento com muito interesse de arquitectura militar, reduzido a prisão política (farol desde 1785, luz branca e fixa);

Forte ou Tôrre de S. Lourenço do Bugio, sôbre uma ilhota à entrada e a meio do Tejo, desartilhado e sem utilidade militar (farol desde 1785, com luz de intermitência vermelha).

Na margem Sul (concelho de Almada):

Forte da Trafaria, à beira rio, reduzido a presídio militar, e sôbre êle as ruínas do forte seiscentista de *Alpena* (não confundir com as fortificações dêste nome, dos fins do século passado);

Ruínas e vestígios esparsos da *Tôrre Velha*, que fôra «Castelo de Pôrto Brandão» e «Forte de S. Sebastião da Caparica», transformada completamente em 1867 quando se construiu ali o «Lazareto Novo», que substituiu um primitivo lazareto, muito antigo, e sôbre cujo núcleo, após largas obras de adaptação, se instalou recentemente o Asilo de 28 de Maio; do velho forte vêem-se ainda panos de muralha acima da beira do rio;

Vestígios de fortins seiscentistas, na encosta e cumeadas da margem Sul, da Trafaria a Cacilhas, localidade onde ainda estão à vista, sôbre o fundo alto do largo, panos de muros do antigo fortim;

Forte de Almada, em plena eficiência militar (obras no século XIX e actual), incluído na actual Defesa Marítima de Lisboa.

Na área administrativa da Cidade de Lisboa podem anotar-se:

Tôrre de S. Vicente de Belém, desartilhada, «monumento nacional» (farolim, com luz encarnada, desde 1865, suprimido em 1940);

Vestígios supostos, sôbre a Avenida da Índia, na antiga praia da Junqueira, sob o fundo do prédio que foi palácio do Marquês de Angeja, no Largo dêste nome, de muros avançados que fariam parte do Fortim ou Baluarte de S. Pedro ou da Estrela;

Panos de muralha, em cantaria, relativamente bem conservados em parte, e uma **guarita de cunhal**, do **Baluarte do Livramento**, em Alcântara (1652), os quais podem ser observados desde o fundo da Travessa do Livramento, a qual nasce da Rua do Prior do Crato, e que têm, encostados ou sobrepostos, pedaços de construções modestas de moradias e quintais, propriedade de José Maria Dias, (pode chegar-se até junto da guarita entrando pela porta n.º 17 da Calçada do Livramento, passando um pátio e atravessando um pequeno túnel, cavado na rocha; nota-se desde ali que a muralha seguia para Norte, pois estão ainda pedaços à vista, amalgamados em quintais e casario);

[A descrição pormenorizada dos baluartes do Sacramento (desaparecido) e do Livramento, pode ver-se em «Ollisipo», n.º 18, Abril de 1942.]

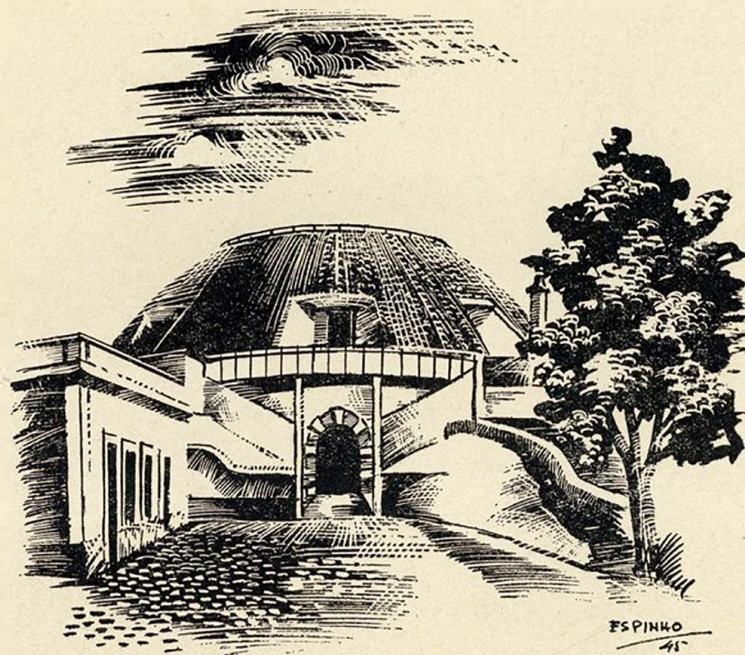
Baluarte ou Forte de Santa Apolónia, situado na Quinta do Manique que pertencem

ceu aos Viscondes de Manique, a seguir aos Condes de S. Vicente, e, depois de haver tido outros donos, é hoje propriedade da firma G. & H. Hall, Limitada), a Noroeste da Calçada da Cruz da Pedra, e encostado pelo seu lado Poente à Calçada das Lajes; fazia parte do sistema fortificado de Lisboa, como extrema oriental, e devia ter estado ligado ao desaparecido (cêrca de 1860) Baluarte da Cruz da Pedra, que se situava a Nascente da Calçada dêste nome, em terrenos da orla marítima depois ocupados por linhas e instalações dos caminhos de Ferro (C. P.). Encontra-se o Baluarte de Santa Apolónia, que deve ter sido concluído pouco antes de 1668, quási íntegro em relação ao que foi, com beneficiação de muros, e com alguns enxertos e renovações, e ainda com elementos decorativos que não são da época da construção. Tem a forma pentagonal em planta, numa área de 8.044 metros quadrados, com 95 metros de comprimento na face direita (Nascente) e cêrca de 73 na face esquerda (Norte), incompleta, realizando as duas faces um ângulo de 127 graus; os flancos, a Noroeste e a Sueste, medem em extensão cada um 45 metros, e estão ligados pelo muro de gola (sôbre a Calçada das Lajes), que só numa pequena parte é o primitivo de fortificação militar. Anota-se neste monumento — único que resta, quási completo, das fortificações do século xvii, e só há poucos anos revelado (Luís Pastor de Macedo) para o estudo de Lisboa:

Muralhas de alvenaria, com paramentos revestidos de cantaria no sítio dos cunhais; duas *guaritas*, com cúpula e frestas quadradas, uma no cunhal das faces direita e esquerda da frente (Nordeste) e outra no vértice do ângulo do flanco dizeito e da face direita da frente (Sueste); *guardas exteriores* de alvenaria, na maior parte do coroamento dos muros, mostrando num trôço da frente dez *canhoneiras*, tapadas; um *portão*, seiscentista, no meio da face esquerda da frente, com arco de volta perfeita, e todo constituído por fiadas sobrepostas, sobrepujado de uma balaüstrada; outro *portão*, também seiscentista, mas diferente do antes citado, com arco de volta perfeita, ladeado por colunas de aros salientes alternados, e rematado por um mirante de balaústres (ambos estes portões, voltados para o campo «de campanha», e sem portas de madeira, a-pesar-de interiormente conservarem as disposições para poderem ser trancados, foram, sem dúvida, ali colocados, como decoração utilitária, já depois de o forte ter deixado de exercer a sua função (se é que alguma vez a exerceu), trazidos de qualquer parte por algum dos antigos proprietários da Quinta do Manique).

[A descrição pormenorizada dêste baluarte encontra-se em «Revista Municipal» (Lisboa), n.ºs 11 e 12, 1942, em estudo do engenheiro A. Vieira da Silva].

CAMPO ENTRINCHEIRADO



CAMPO ENTRINCHEIRADO DE LISBOA

Século XIX

Breve notícia histórica

No século XVIII não foram construídos, para defesa da cidade de Lisboa e seu porto, quaisquer sistemas de fortificações, limitando-se os trabalhos desta natureza a sumárias beneficiações e alterações nos fortes do tempo de D. Pedro II.

Apenas em 1780-1782 foi edificado o Forte — bateria — do Bom Sucesso, adiante de Belém, obra do engenheiro francês general Vallerée, mas que duas dezenas de anos depois, ou por defeituosa construção ou por efeito das marés, se foi arruinando, não chegando em rigor a possuir qualquer eficiência militar.

Foi na segunda metade do século XIX, no começo do reinado de D. Pedro V, que se procedeu à confecção de planos para defesa de Lisboa (1857), mas só em 1862-1868, já no reinado de D. Luis, se começou a estudar em campo, por escolha de terrenos apropriados, o sistema de fortificações, que se deve, sobretudo, ao Marquês de Sá da Bandeira, presidente da comissão «encarregada de resolver definitivamente o sistema de fortificações de Lisboa» (Setembro de 1866 a Julho de 1868). Data desse período o «Campo Entrincheirado», servido por uma estrada militar, cintura à roda de Lisboa com 3½ quilómetros de extensão. Os fortes ou baluartes principais eram os de Sacavém (Monte Cintra), Ameixoeira («D. Carlos»), Monsanto («Marquês de Sá da Bandeira»), Alto do Duque e Caxias («D. Luis»), sendo o primeiro e o último os terminais, defendidos naturalmente pelas ribeiras, respectivamente, de Sacavém e de Barcarena, incluindo-se também no sistema o Forte do Bom Sucesso, ao lado Poente da Torre de Belém, que fôra completamente reconstruído de 1870 a 1873, a esforços do então major Caetano Sanches de Castro, que já desde 1862 fazia parte da comissão encarregada dos estudos de fortificações e fôra colaborador do Marquês de Sá da Bandeira. Existiu também na área de Monsanto o reduto de Montes Claros.

Na margem Sul do Tejo construíram-se as duas baterias de Alpena (1893-1902), e as duas da Raposeira (1898-1909), hoje integradas na «Frente Marítima de Lisboa».

O Campo Entrincheirado perdeu, já no actual século, ante a renovação da técnica militar, toda a sua eficiência. Foi depois organizada a «Frente Marítima», deixando de ter algumas daquelas fortificações da defesa de Lisboa importância militar: os fortes de Monsanto e de Caxias passaram a ser utilizados como prisões, mantendo-se os restantes militarizados, com destacamentos de artilharia pesada, num plano defensivo e activo cuja esplanção, como é óbvio, não se pode comportar quer nos limites, quer na possibilidade, quer na intenção deste trabalho. O que até há poucos anos restava do reduto de Montes Claros foi convertido em miradouro.

INVENTÁRIO

Dentro da área da cidade ou da influência de Lisboa havia a considerar apenas, para os efeitos d'este Inventário, os Fortes de Sacavém, Ameixoeira, Bom Sucesso e Monsanto.

Os três primeiros, militarizados, não são susceptíveis de descrição, simples que seja. Não possuem, de resto, quanto ao Exterior, mais que um ou outro pormenor, quasi incharacterístico.

Anota-se por consequência, apenas:

Forte de Monsanto, na serra d'este nome a Noroeste da cidade (começado a construir em 30 de Dezembro de 1863, sob o risco e direcção de Caetano Sanches de Castro), foi em 1878 considerado praça de guerra de primeira classe, flanqueado por quatro «lunetas», obras fortificadas exteriores, que se denominavam Cabeça do Mouro, Alto da Argolinha, Cabeça da Atalaia e Alto da Capela; em 1914 foi destinado a Cadeia Civil, já havia muitos anos antes sido desarmado

e anulado na sua eficiência militar). Há nêles a considerar, designadamente:

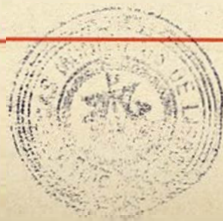
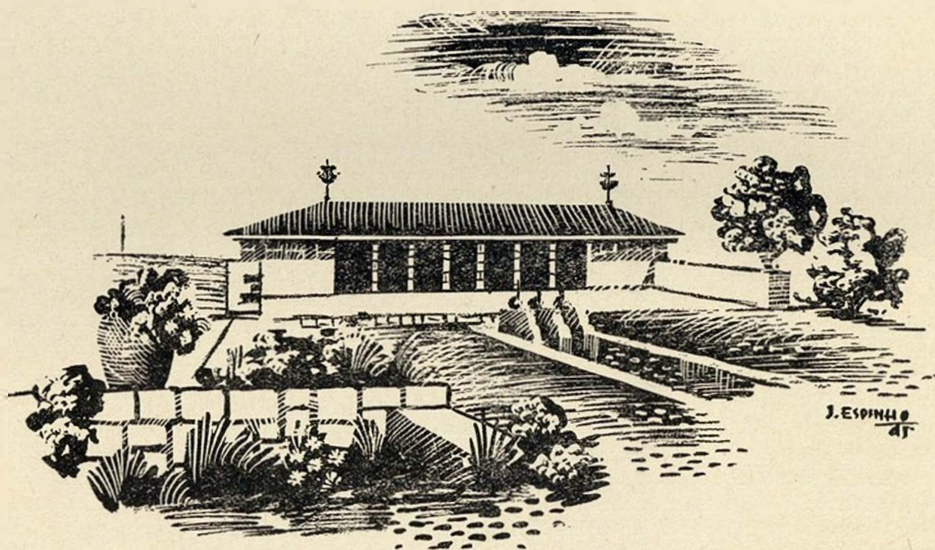
A *estrutura* circular, com vinte metros de raio;

Os *três pavimentos*, sobrepostos, abobadados;

O *fosso* circundante, com dez metros de largura;

A *galeria* de comunicações, com ponte levadiça.

(As obras de adaptação do Forte a Presídio deformaram em muito o aspecto militar primitivo do monumento).



COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA C. M. L.



0316387



INVENTARIO DE LISBOA

P R E Ç O
1 2 \$ 5 0